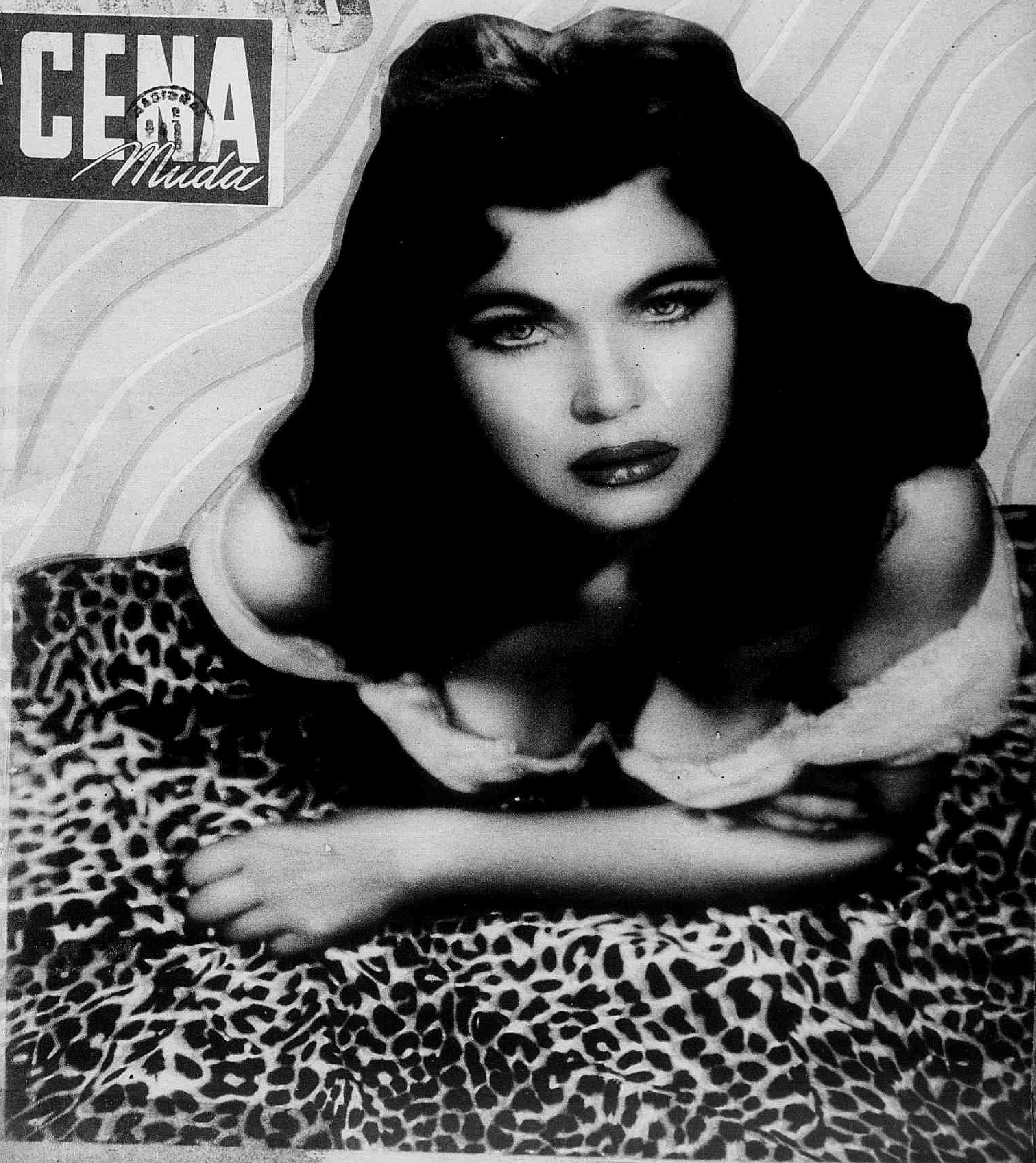
Nº 1 — 1ª quinzena de janeiro
Cr$ 4,00 em todo o Brasil

A CENA *Muda*



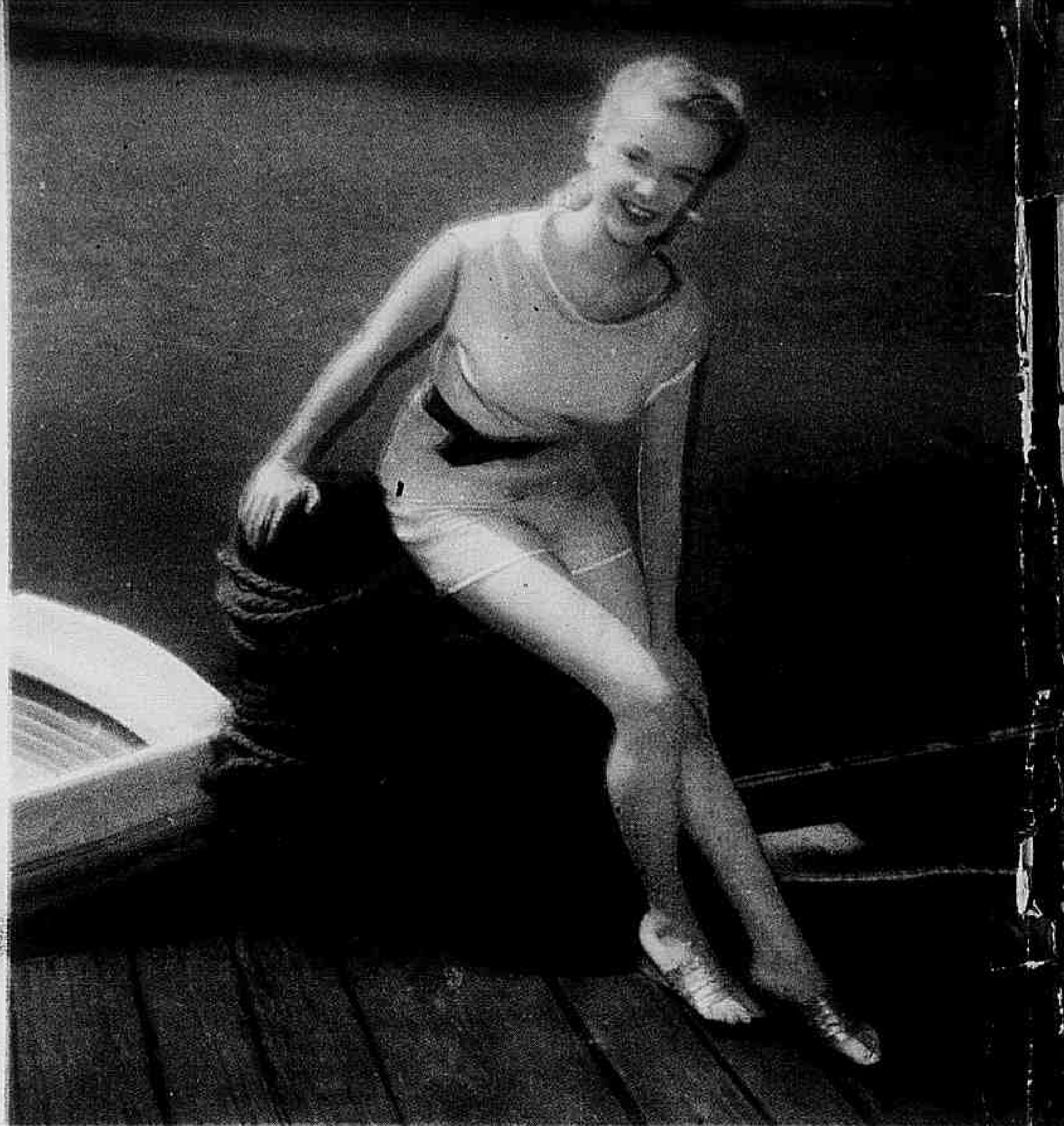
SIMONE SILVA SENSACIONAL!

"ESTRÊLAS" AO AR LIVRE

ANNE FRANCIS E CORINNE CALVET, DUAS GARÔTAS SAUDÁVEIS E ESPORTIVAS QUE ADORAM A VIDA AO AR LIVRE!

UMA particularidade dos artistas de Hollywood, da maioria, digamos assim, é aproveitar o fim-de-semana para fugir à rotina e aproveitar o máximo as horas de descanso que os filmes lhes proporcionam. Quase todos êles possuem um "hobby" e dêle se aproveitam para um domingo divertido.

Annè Francis e Corinne Calvett não fogem à regra geral e também elas têm o seu "hobby". Anne, por exemplo, adora o mar e o ambiente marítimo. Quando chega o domingo, ela veste-se esportivamente, apanha seu carro e dirige-se para certo pôrto que nos pediu ficasse em segrêdo. Ali, um de seus muitos conhecidos convida-a para um passeio de lancha ou de barco pelas mansas águas e jamais receberam um "não" da famosa "estrelinha". Muito jovem e cheia de vida, Anne Francis porta-se como uma jovem sem complexos que ama a vida esportiva e tudo faz para divertir-se. Corinne é uma das francesinhas famosas de Hollywood e sua "mania" é pescar. Raro é o domingo que Corinne não passa pescando, vestida com roupas esportivas, porém elegantes. Côrinne sabe aproveitar seus momentos longe do estúdio e como Anne Francis, diverte-se bastante nos fim-de-semana ao ar livre, como é próprio de duas garôtas esportivas e saudáveis!



Anne Francis adora andar de barco pelas mansas águas em companhia dos amigos. Raro é o domingo que ela não passa ao ar livre, despreocuapada e feliz...

A mania de Corinne Calvet, a famosa francesinha de Hollywood, é a pesca. Ei-la em traje próprio em busca de um belo exemplar da família dos «namorados»...





BATE PAPO COM O LEITOR

Bem, leitores. Ano Novo, Vida Nova! Temos muitos planos para vocês em 1955. Planos para tornar «A CENA» ainda mais atraente e vitoriosa como revista de cinema. Muitos dêsses planos só poderão ser aproveitados com o tempo, dependendo na maioria das vêzes dos recursos próprios de que dispomos. O nosso maior objetivo é a conquista de colaboradores mais eficientes, que nos possam desvendar os mistérios dêsses mundos maravilhosos que são Hollywood, Cinecittá e os estúdios franceses, de onde pràticamente recebemos o maior número das fitas exibidas no Brasil.

Vocês começarão a notar as novidades a partir do próximo número. Algumas já estavam programadas esperando apenas uma «chance» de aparecer em nosas páginas. Gostaríamos de receber cartas de todos vocês com sugestões, pois o nosso trabalho assim seria bem mais fácil, sabendo o que os leitores desejam encontrar na sua revista favorita.

—— // ——

Conforme promessa, vocês encontrarão neste número uma ampla reportagem sôbre os «Melhores do Ano». Alberto Simoens Bello e a equipe de observadores-cronistas de «A CENA» muito trabalharam para a realização dêsse resumo, em tudo por tudo, completo e brilhante. Alguns leitores poderão discordar dos nomes escolhidos, porém estamos confiantes de que a maioria apoiará nossa seleção, pois a mesma foi baseada na realidade.

—— // ——

Dizem que a Pampanini virá ao Brasil. Ela própria já se manifestou interessada em conhecer a Cidade Maravilhosa de que tanto ouviu falar e gostaria de banhar suas linhas tão famosas na majestosa Copacabana. Pois bem! «A CENA» antecipa-se a chegada de «la Pampanini» estampando neste número a curiosa reportagem: «A Pampanini como ela é», com fotos exclusivas da querida «estrêla» do cinema italiano. O autor da reportagem é um famoso jornalista italiano, amigo íntimo de «la Pampanini» e que se permitiu revelar alguns segredos da fabuiosa artista.

—— // ——

Já que nos referimos à sensações, Simone Silva que ilustra a capa dêste número, é personagem da reportagem fotográfica «Simone Silva, Sensacional», uma visão da pequena que provocou um escândalo em Cannes e outro em Hollywood ao ser impedida de trabalhar nos estúdios americanos, apesar de ser contratada por sete anos e haver trabalhado em quase uma dúzia de películas britânicas. Simone posa (exclusivamente) para «A CENA» exibindo o seu formoso busto, aquêle mesmo que os fãs do mundo inteiro já conhecem e admiram pelo escândalo em Cannes.

—— // ——

Êste número de «A CENA» está repleto de gostosas novidades. «Bob, o amigo das crianças» é uma delas, mostrando o juvenil ator da Fox em companhia de seus pequeninos fãs. Também muito interessante é a reportagem «Um Almôço Mudou seu Destino», história de como a talentosa Mary Murphy alcançou o estrelato em Hollywood.

—— // ——

Porém a grande novidade desta edição é a reportagem «Como se faz uma «estrêla». A câmara indiscreta de «A CENA» penetrou nos estúdios da Metro, em Culver City e registrou tôdas as fases do dia de uma candidata ao estrelato cinematográfico. Para os leitores que apreciam conhecer os segredos do cinema, essa reportagem vai interessar muitíssimo!

Nº 1 — 1ª Quinzena de janeiro — 1955

SUMÁRIO

REPORTAGENS EM TECNICOLOR

Estrêlas ao ar livre .... 2ª capa
Lori, a Encantadora .... 3ª capa
Simone Silva Sensacional 23
Janet é assim 24/25

REPORTAGENS COLORIDAS

Um almôço mudou seu Destino (Mary Murphy) 4/5
Claire Bloom 6
Como se faz uma «estrêla» 44, .. 45/46

REPORTAGENS ESPECIAIS

Bob, o amigo das crianças 7
Trabalhou bem, Genival 28/29
A Pampanini como ela é 30/34

OUTRAS ATRAÇÕES

Cine-romance, Um Fio de Esperança 10/11
Ruth ganhou o saci 15
Os melhores do ano 16/22
Eleonora Rossi Drago 27
O marujo Sterling Hayden 39

SEÇÕES PERMANENTES

Cinema nacional em foco 8
Vamos conversar? (Miryan Thereza) 9
Pequena história do cinema 12
Flash europeu 13
Cine-passatempo 35
Filmes em revista 36/37
Rádio 41
Discos 43

PROPRIEDADE DA:

COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA

DIRETOR:

GRATULIANO BRITO

★

A CENA mantém correspondentes em Hollywood, Londres, Paris, Roma e na América do Sul. Acordos especiais e exclusivos com a «Press Cinema» e «Mondi Press».

ENDERÊÇO

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Lapa — Rio de Janeiro — Brasil.

Publicidade 22-9570
Redação 22-4447
Gerência 22-8647
Administração e Contabilidade 22-2550
Portaria 22-5602

Endereço Telegráfico: « REVISTA »

EM SAO PAULO

Distribuição e Venda: A. Zambardino — R. Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569

PREÇOS

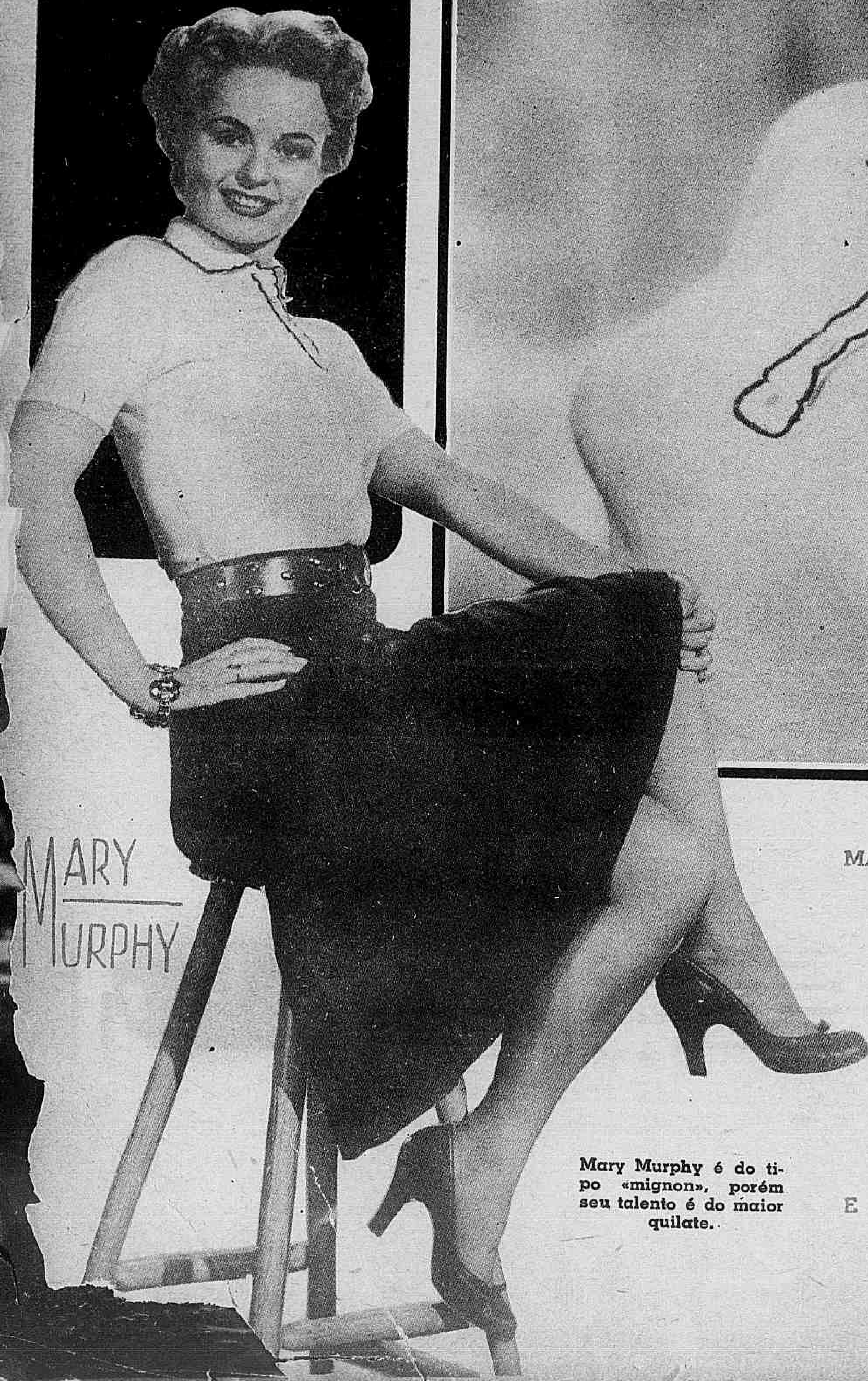
Número avulso em todo o território nacional..	Cr$ 4,00
Número atrasado.......	Cr$ 5,00
Assinatura anual (26 números)............	Cr$ 100,00
Assinatura semestral (13 números............	Cr$ 50,00
Assinatura anual sôb registro.............	Cr$ 120,00
Assinatura semestral sob registro.............	Cr$ 60,00
Assinatura para o estrangeiro (anual).....	Cr$ 180,00
Assinatura para o estrangeiro (semestral)..	Cr$ 90,00

CAPA



SIMONE SILVA, a «estrelinha» britânica que tanto escândalo causou em Cannes ao exibir seu maravilhoso busto, aparece na capa desta edição numa pose exclusiva de «A CENA». Pelo que exibe, Simone prova que tem realmente um grande trunfo para o cinema.

UM ALMÔÇO MUDOU SEU DESTINO





Mary Murphy é do tipo «mignon», porém seu talento é do maior quilate.

MARY MURPHY FOI "DESCOBERTA" PARA O CINEMA QUANDO ALMOÇAVA E NEM TEVE TEMPO PARA A SOBREMESA, POIS MINUTOS DEPOIS ASSINAVA UM CONTRATO — SUAS MANIAS, SEUS PASSATEMPOS E A PEQUENA HISTÓRIA DE SUA VIDA.

Mary Murphy forma com o novato Ron Hagerthy a dupla romântica de «Ódio que não Perdoa». Antes dêsse papel, Mary esperou muito tempo em Hollywood.



Assim como Lana Turner, a encantadora Mary Murphy foi «descoberta» enquanto almoçava num dos populares «drug stores» de Hollywood

Desde êsse dia feliz, ocorrido em 1950, que essa nova beldade do cinema vem aguardando uma oportunidade para triunfar no **écran** onde tem aparecido em «pontas» até que finalmente, agora, acaba de ser escolhida pela Republic para viver um importante papel ao lado de Dorothy McGuire e Stephen McNally em «Ódio que não Perdoa».

A linda Mary Murphy nasceu na cidade de Washington numa certa manhã de 25 de janeiro. Antes do seu primeiro aniversário sua família mudou-se para a cidade de Cleveland e ali permaneceu até ela completar doze anos. Nessa época mudaram-se novamente, desta vez para Long Beach, na Califórnia e mais tarde para Culver City.

Mary colou grau em 1949 e logo depois obteve um emprêgo numa importante firma comercial de Beverly Hills. Oito meses após obter essa colocação, enquanto ingeria um almôço às carreiras no «drug store» a que nos referimos acima, ela foi «notada» por Milton Lewis, famoso agente cinematográfico, que lhe propôs submeter-se a um teste nos estúdios da Paramount. Não voltou mais ao escritório, pois, antes que pudesse tomar fôlego, assinava um contrato com essa produtora de filmes.

Seu primeiro trabalho foi numa «pontinha» no filme de Bob Hope «The Lemon Drop Kid». Seguiram-se outras «pontinhas» em «Carrie», «Tha's my Boy», «When the Worlds Collide» e «Beachhead» até conseguir, finalmente, o seu primeiro papel importante em «Ódio que Não Perdoa».

Seus passatempos favoritos são esquiar, montar a cavalo, nadar e, ainda, assistir a partidas de futebol e boxe. Tem mania de colecionar bôlsas de côres, formatos e desenhos originais. Prefere dançar a comer, porém, acha que nunca seria uma excelente dançarina profissional. Seu traje favorito para a rua é o clássico saia e blusa. Nunca teve inclinações dramáticas e é o primeiro membro de sua família — composta de duas irmãs e um irmão —, a seguir uma carreira artística.

Mary Murphy possui exatamente as medidas de Miss Universo 1954, mas, além disso, é dotada de um lindo par de olhos azuis e de fulgurante cabelos côr de mel...



Mary gostou muito de seu novo filme. Ela adora equitação e o papel exigia que montasse a cavalo em várias sequências, o que ela fêz com muito prazer!

CLAIRE BLOOM, talento bafejado pela sorte



Por

GEORGE

GURJAN



DE Claire Bloom pode-se dizer que iniciou sua carreira cinematográfica «de cima»: no seu primeiro filme contracenou com Charles Chaplin, uma experiência pela qual anseiam muitas «estrêlas» de tarimba. E, o que é mais, seu talento fêz-se notar mesmo ao lado de um artista tão genial como é o criador de «Em Busca do Ouro». Aos 21 anos de idade, sem qualquer experiência cinematográfica anterior, Claire Bloom já era uma personalidade no mundo da tela.

Nasceu ela em Londres, no dia 15 de fevereiro de 1931. Desde a infância sentiu-se atraída pelo palco, obtendo seu primeiro contrato profissional quando contava apenas 15 anos. Mas, foi em 1948 que viu surgir sua grande oportunidade, quando participou da temporada do Stratford Memorial Theatre. Seguiram-se Vários outros sucessos dramáticos, entre os quais o famoso «The Lady's not for Burning», de Christopher Fry, e, finalmente, o papel estelar em «Ring Round the Moon», onde a notou um amigo de Chaplin. E, após quatro meses de espera aflitiva, Claire estava filmando «Luzes da Ribalta» e inscrevendo seu nome entre as artistas mais expressivas da nova geração. Re-

(Cont. na pág. 42)

ENTRE as particularidades dêsse jovem astro da Fox encontramos uma evidente simpatia pelas crianças. O que Bob não faria por um adulto, não negará jamais a um fã de pouca idade. Êle adora conversar com as crianças que o abordam na rua e tem sempre novidades para lhes contar. Se o virem assim, entretido com seus pequeninos fãs, seriam capazes de o imaginar um menino grande. Bob consegue despersonalizar-se diante das crianças, pois considera que a maioria dos adultos deseja sempre mostrar-se inteligente perante os menores. Bob tem apenas um objetivo: mostrar-se divertido. Isso o faz muito querido das crianças em Hollywood e nas cidades que o astro de «Rochedos da Morte» visita em suas excursões e filmagens «in location». Bob submete-se de boa vontade à curiosidades dos pequeninos fãs e não se mostra aborrecido quando algum lhe prega uma peça, pelo contrário, ri com êle e diverte os demais. Se Bob casar algum dia (isso é bem provável para daqui há algum tempo) quer uma família grande onde meninas e meninos divirtam-se com êle e sintam-se felizes!





BOB, o amigo das crianças



CINEMA NACIONAL EM FOCO





● Um grupo de gente famosa: Christensen (Diretor), Bloch (autor), Cordova (ator), Mayer (ator), e Acácio (produtor).

● Manoel Jorge e seu microfone em ação. Os comandos de «Cinema e Teatro em Revista» estão em tôda parte!

● Joaquim Menezes fala de coisas sérias com Salviano Cavalcânti de Paiva, também anfitrião da noite.

● Outro grupo da recepção de Roberto Acácio: Heloisa Helena e Lourdes Mayer, as belezas da noite festiva.





O produtor Roberto Acácio (Quando a Noite Acaba, Mãos Sangrentas) reuniu em seu moderno apartamento de decoração moderníssima um grupo de amigos (artistas, cronistas) para uma justa homenagem ao esclarecido diretor argentino, agora radicado no Brasil, Carlos Hugo Christensen (Maria Magdalena), que com êle vem trabalhando há alguns meses em «Mãos Sangrentas», o episódio de uma rebelião de presos sufocada de maneira quase trágica. Foi uma noite alegre, movimentada e muito cinematográfica. Não sabíamos que mais admirar: se a fidalguia de Acácio e sua senhora, se a decoração (moderníssima) do apartamento ou a palestra agradável de Arturo de Cordova. «A CENA» pôde anotar entre os presentes a essa reunião que comemorou o início das filmagens da nova produção de Acácio, «Leonora dos Sete Mares», as seguintes figuras famosas: Arturo de Cordova, Rodolfo Mayer, Manoel Jorge e seu microfone, Adolfo Cruz, idem, Salviano Cavalcânti de Paiva, também anfitrião da noite, o comentarista Al Neto, o diretor Christensen, a linda e elegante Lourdes Mayer, Pedro Bloch, autor do enrêdo de «Leonora dos Sete Mares», Joaquim Menezes, eufórico com o Festival do Distrito, Heloísa Helena, Paulo Magalhães, Mário Del Rio, o cortador Canizares, o cronista Arno Voigt e o ator Osvaldo Louzada. Ainda falaremos com mais vagar sôbre «Leonora dos Sete Mares».



VAMOS CONVERSAR?

Por MIRYAN THEREZA

CONTINUANDO onde paramos, o cinema nacional está de parabéns pela sua última produção. «Matar ou Correr» é um bom filme, sem dúvida alguma ou pelo menos deve ter divertido os mais exigentes. A fita «Made in Jacarepaguá» parece ter sido importada, tal a sua semelhança com as do mesmo gênero, americanas. City Down está esplêndida. É pena que seja um pouco desabitada, entretanto segue fielmente o tipo de cidade do oeste americano.

A única cena um pouco falsa é a do enforcamento, quando são distribuídas garrafinhas àqueles homens exaltados e à pseudo-noiva de papai. Que líquido seria aquêle cujo efeito foi tão rápido? Veneno? Confesso que ainda não cheguei a uma conclusão satisfatória. No mais, o filme, na minha opinião, está admiràvelmente bem feito. Aliás, voltando à minha teoria de que o cinema nacional carece de idéias, encontrei nesse, um argumento diferente.

Nós, de um modo geral, ainda não nos acostumamos a assistir aos nossos filmes. Achamos ainda uma coisa extranha, esquisita apreciar exclusivamente o trabalho dos artistas sem preocupação com as legendas. Mesmo o fato de um certo conhecimento com os artistas nacionais já não nos convence de que podemos assistí-los trabalhando na tela. Essa talvez seja a razão para a dificuldade do agrado dos filmes nacionais. Falta de hábito. É sim! Duvidam? Então, façamos uma experiência: procurem imaginar «Matar ou Correr» com um título mais ou menos assim: «To Kill or to run». Os artistas seriam americanos e o filme feito no Texas. Sem dúvida alguma ficaria infinitamente melhor. Oscarito Cassidy, falando inglês, Otelo Rodgers falando inglês, o Johnnie (o nome até ajuda) cantando o sucesso do momento, «Nobody to Love». Que beleza! Grande filme, ein? Já imaginaram bem? Então, voltemos à realidade. O filme é mesmo «Matar ou Correr» e os artistas são todos brasileiros. Já não perdeu muita coisa? E devia ser justamente o contrário. Porque aceitamos, gostamos, às vêzes até muito, de um filme estrangeiro que relativamente tem tanto valor e é tão bom quanto um dos nossos? Há os maus filmes, não há dúvida, mas tudo na vida tem seu lado ruim justamente para sabermos reconhecer o opôsto. Se Hollywood faz quatro «abacaxis» entre dez filmes e nós fazemos oito: convém notar que Hollywood tem sessenta anos de produção e nós trinta, ainda assim com muito boa vontade. A diferença é sensível. Estimamos apenas que não se apeguem os responsáveis pelas nossas produções, a essas desculpas de tempo. E nós, expectadores que somos, acostumemo-nos ao que é nosso. Vocês que possuem idéias, ajudem o nosso cinema. Vamos fazer uma campanha em prol do cinema nacional? Uma campanha de boa vontade, de cooperação honesta, sincera e expondo pontos de vista baseados na realidade? É uma questão de querer começar.

Tenho uma cartinha de um brôto que me faz milhões de perguntas e que, como prometi, vou respondê-las o melhor possível. Esta carta vem de Itaperuna, Estado do Rio; é de Selma de Souza Faria. Pois bem, Selma, vamos conversar.

Meu nome verdadeiro é êsse mesmo, apenas com acréscimo: Miryan Thereza Dias. Apareci por aqui em 24 de agôsto no longínquo ano de 1935, lá pelas bandas do Encantado. As fãs, meu bem, são tão necessárias para um artista que você não faz idéia! Estimulam muitíssimo e de um modo geral são boazinhas e agradáveis. Não tenho santo de maior devoção. Peço a todos quando me vejo muito aflita. Na maioria das vêzes vou direto a Deus. O negócio é ser objetiva, não acha?

Em geral, o tipo preferido pelas moças é o alto, moreno e simpático. Eu não escapo à regra, só que tenho mais umas exigênciazinhas: que seja instruído, amável, carinhoso, tenha caráter firme, que adore viajar e me leve com êle. Sou gulosa, não é?

Tenho um irmãozinho de 13 anos que se chama José Carlos; aliás, diga-se de passagem, é um brotinho e tanto! Comecei no cinema fazendo uma pontinha em «Com o diabo no corpo», filme que contava com Luís Delfino, Alice Miranda e Patrícia Lacerda, você assistiu? Muito bonzinho, porém, infelizmente, ignorado. Fui convidada por Paulo Machado, naquela época diretor na Flama. Fiz um «test», aprovei e ganhei meu primeiro papel. Adoro ler e conversar com vocês através de nossa revista de cinema. Ir ao cinema, à praia, passear... Sou uma criatura normal. Gosto de tudo interessante. Sou América, no futebol. Gosto que me chamem carinhosamente. Prefiro o verde entre as outras côres. Se não fôsse artista de cinema, certamente seria de teatro.

E agora uma de suas perguntas que propositadamente deixei por último. Sôbre o cinema nacional. Chegamos ao ponto onde eu queria.

Vocês assistiram a «Floradas na Serra»? Quem viu, pelo amor de Deus não me venha falar mal do cinema nacional; sou capaz de brigar sèriamente. Se tivesse um argumento daqueles que não se parecem com argumento; se tivesse a fotografia péssima; se os artistas fôssem tão artistas quanto eu jogadora de futebol, se, finalmente, a direção não prestasse, eu ainda tentaria uma tímida defesa. Mas, assim como está, meus queridos amigos, eu luto até box...

A história é tão nossa, que me comoveu profundamente. Vocês devem ter notado como a adaptação foi bem feita, do livro de Dinah Silveira de Queiroz, para o cinema. Pensem bem: o tema do filme (como do livro, naturalmente) é chocante, no entanto, não choca. E' tratado de um modo que não mostra a realidade nua e crua como a maioria dos filmes europeus e também superficializa tanto o assunto como o americano. Dizem que o meio têrmo é o ideal na vida. Nem oito, nem oitenta. Pois bem, «Floradas na Serra» é um filme excelente, está exatamente nesse meio têrmo.

E, o trabalho dos artistas? A Lucília, o Bruno, a Elza, enfim, todos êles fazem esquecer de que não existem realmente; são figuras de ficção. Os pequenos papéis transformam-se em grandes.

O brotinho Gilda Nery está esplêndido; John Herbert, natural, Lola Brah viveu muito bem a Olga, indiferente, irônica, fazendo sentir à platéia a desesperada tentativa de fuga de sua própria vida e do seu estado.

E' tanta coisa que eu gostaria de comentar que precisaria da revista inteira. E isso, vocês compreendem, não é possível. Conversaremos um pouquinho mais no número que vem. Combinado? Escrevam, sim?



MIRYAN THEREZA aqui aparece numa das cenas dramáticas da peça levada à cena no Teatro Glória, Cinelândia da Capital, pela Companhia de Oscarito. A querida «estrelinha» do cinema nacional e colaboradora de «A CENA», teve um desempenho que mereceu da crítica os mais rasgados elogios. Miryan e seu pai, Oscarito, num momento excepcional de «Cupim».

CINE





HOBBIE WHEELER: um sujeito consciente de sua missão. Ignorava o próprio Destino.



SPALDING: a aero-moça que colaborava com Dan Roman para a tranqüilidade dos passageiros.



DOROTHY CHEN: se preocupava em contar sua aventura ao irmão. Sem saber as emoções que viveria ainda.



OS PARDEE: um casal cujas lembranças não eram tão doces. Queriam recomeçar do ponto perdido. Sem saber como.

CAPITULO II

PALPITA O CORAÇÃO DO AVIÃO

O capitão Sullivan encontrava-se descançando em seu pôsto e recordando o que Pardee lhe havia dito sôbre o mêdo que lhe inspiravam os aviões, e sùbitamente começou a perguntar a si mesmo: «Estás com mêdo? Agora, quando já navegaste pelos ares mais de dois milhões de milhas, será possível que, sem motivo algum, sintas mêdo?» Sullivan era um homem muito sisudo e sentiu-se profundamente impressionado por aquêles pensamentos que o haviam assaltado.

A aero-moça Spalding estava no momento procurando acalmar o sr. Briscoe, que sentia uma dor de cabeça tão intensa, capaz de aniquilar-lhe os nervos. Êle bebia e a moça reparou que seu relógio marcava as horas distintamente. O sr. Briscoe notou o interêsse da moça pelo relógio e lhe deu de presente, dizendo: «Fique com êle, por favor, pois com esta enfermidade que tenho, dentro de pouco tempo não necessitarei de saber as horas e gostaria muito de pensar que meu relógio segue marcando a única classe de horas que uma jovem pode ter: horas gratas, horas de excitação e prazer».

«Se o senhor me diz assim, eu aceitarei o presente e aproveito para dizer-lhe que não conheci antes nenhuma pessoa como o senhor». — disse a senhorita Spalding, sorridente e feliz com o relógio que desejara e acabara de ganhar.

Outra das atemorizadas passageiras, a atraente Lydia Rice, dizia ao seu marido que não queria conhecer a mais ninguém que fôsse como êle e reprovava-o com frases assim: «Uma pessoa que vende uma boa agência de anúncios em New York para comprar uma mina arruinada no Canadá, para sentir-se importante e para que digam que êle é muito importante, é um egoista...» Ela referia-se a agência de anúncios que havia sido comprada com o seu dinheiro e sôbre a mina que havia sido idéia de Howard, seu marido. O homem não gostara do tom das recriminações que a espôsa lhe fizera e respondeu: «Dentro de três anos te pagarei a importância que a mina custou».

— «Eu não suportarei três anos na selva... Pedirei divórcio assim que chegarmos a São Framscisco e poderás voltar a tua vida primitiva!» — explodiu a espôsa.

Em outra parte do avião, o passageiro Ed Joseph mostrava-se inquieto diante da cara de visível aborrecimento que tinha o homem à sua frente, Howard, e aproximando-se dêle começou a falar do Clube do Bom Vizinho ao qual pertencia. A palestra em pouco tempo era a mais animada possível e os dois concordaram em beber alguma coisa para passar as horas.

Dan Roman continuava pilotando o avião, quando Sullivan tocou-lhe no ombro e lembrou que estava na hora de substituí-lo. Dan não podia quase esconder a sua preocupação, pois havia sentido outra comoção como a primeira e se isso se repetia, poderia significar que se tratava de algo realmente perigoso e, então, que aconteceria com Sullivan no pôsto de comando? Era um magnífico pilôto, porém recentemente tivera um sério abalo nervoso e fumava sem contrôle, a ponto de acender um cigarro atrás do outro; Dan Roman lhe entregava o pôsto com justificados temôres.

Hobie enviava uma mensagem a Honolulu dando a informação do lugar em que se encontrava agora o avião, no momento em que Dan passava por êle, porém quem respondia era San Francisco. O céu

Novelização de «UM FIO DE ESPERANÇA» (The High and the Might); uma produção de WILLIAM WELLMAN; apresentada pela WARNER BROS. Em CINEMASCOPE e WARNERCOLOR. Dirigada por WILLIAM WELLMAN.

Elenco e personagens:

Don Roman ....JOHN WAYNE
May Holst ....CLAIRE TREVOR
Lydia Rice ....LARAINE DAY
Sullivan ....ROBERT STACK
Sally McKee ....JAN STERLING
Ed Joseph ....PHIL HARRIS
Gustave Pardee ....ROBERT NEWTON
Ken Childs ....DAVID BRIAN
Flaherty ....PAUL KELLY
Humphrey Agnew ....SIDNEY BLACKMER
Lillian Pardee ....JULIE BISHOP

RESUMO DA PARTE JA PUBLICADA

Um avião parte de Honolulu conduzindo alguns passageiros que passariam pela mais emocionapte experiência de sua vida. A nave, cujo pilôto Dan Roman, era um perito, alcança posição estável e a viagem parece que correrá sem novidades. Entre os passageiros, alguns carregavam seus dramas íntimos e aproveitavam os momentos de forçada ociosidade para rememorar as lembranças menos amargas. Outros, nem isso podiam fazer, pois consideravam invencível o espectro de um passado menos feliz. Em certo momento, o avião sofre um estremecimento sòmente perceptível para duas pessoas da tripulação: o experimentado pilôto Dan Roman e a simpática aero-moça Spalding. Ninguém mais havia observado o tremor que era o começo de um drama a ser vivido em pleno espaço!

apresentava-se cerrado, com a noite fechando cada vez mais, enquanto grossas gôtas de chuva açoitavam as vidraças.

A aero-moça servia a ceia, quando um estremecimento do avião fêz com que caísse de suas mãos um prato de sopa que derramando-se, queimou a moça ligeiramente. A senhorita achou que devia comunicar o fato ao comandante e quando se encaminhava para a cabine dos pilotos, esbarrou com Dan, que vinha distraído. Logo que se inteirou do que ocorria, o Capitão Sullivan exclamou: «Juraria que se trata do motor número um; porém vejo que está funcionando sem alteração alguma, isto é, todos os outros motores estão andando muito bem. Dan, gostaria que desse uma olhadela na parte traseira do avião. Leonard, fique em atividade e de dez em dez minutos dê a posição em que estamos». E voltando-se para a aero-moça: «Senhorita Spalding, peço-lhe que fique em companhia dos passageiros. Hobie, diga a San Francisco que permaneçam alertas para receber nossas mensagens.»

Ao atravessar entre os passageiros para ir até a cauda do avião, Dan o fêz com a maior calma e naturalidade para que nenhum dêles suspeitasse que se passava alguma coisa anormal. Dan examinou bem a parte traseira do avião e não encontrou novidades. A senhorita Spalding perguntou ao vê-lo de volta:

— «Está tudo bem?»

Dan lhe respondeu:

— «Bem... ainda estamos inteiros...» — porém sua voz era grave e compreendia-se perfeitamente que estava perplexo, não explicando qual seria a causa daqueles estertores que o avião vinha sofrendo.

De volta à cabine, Dan encontrou Leonard muito intranqüilo, enquanto Sullivan também se mostrava realmente nervoso. Hobie, naquele momento preciso, estava dizendo a San Francisco, que não sabiam qual era a dificuldade que o avião tinha, nem se se tratava de uma séria avaria.

Nisso Leonard afastou a vista dos seus instrumentos e disse aos companheiros: «Acabamos de passar a linha desde a qual é impossível o regresso ao ponto de partida»!

Isso queria dizer que estavam mais próximo de San Francisco do que de Hawaí, e assim sendo, a partir daquele momento, não importava qual fôsse a avaria que o avião houvesse sofrido, êles teriam que seguir adiante. Sullivan fumava tão nervosamente, que Dan passou a observá-lo com mais atenção do que nunca.

CAPÍTULO III

DIANTE DO PERIGO

Humphrey Agnew havia começado a passear pelo corredor do avião. Seus olhos fixavam-se em Ken Childs, que tomava um uísque em companhia da loura May Holst.

Um passageiro latino-americano de meia idade, José Locota, que estivera sentado junto a Agnew, inclinou-se para Frank Briscoe e lhe disse com voz baixa: «Uma vez vi um homem, a caminho da loucura, portar-se daquele modo. Estava procurando encrenca!»

Briscoe contestou:

— Quem sabe se não está apenas querendo despertar seu apetite para o almôço?

Sùbitamente Agnew colocou-se diante de Childs e lhe disse com o olhar duro:

— Você é Ken Childs, não é? Eu sou Humphrey Agnew!

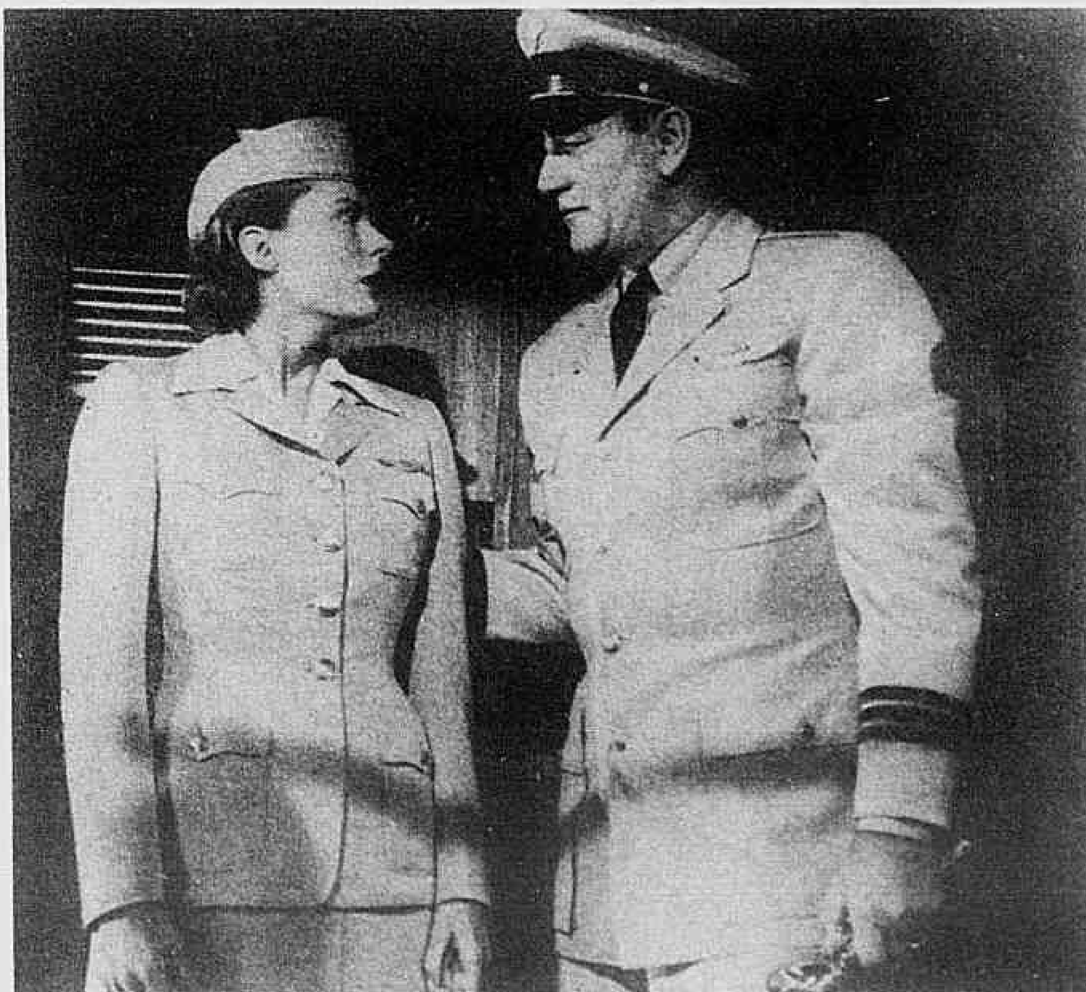
— Agnew? Então é o marido de Martha? — perguntou Childs, encarando-o do mesmo modo. — Ouvi dizer que andava querendo me falar... Agora vejo a razão.

Como Agnew não mudasse de atitude, Childs continuou no mesmo tom:

— Esta senhora e eu estamos tomando um «drinque» tranqüilamente. Por que não falamos mais tarde? Tenha a bondade de retirar-se.

— Sei que estou aborrecendo-o! gritou Agnew, visìvelmente fora de si. Sei também que agia do mesmo modo em Honolulu, procurando a companhia de Martha longe de minha presença.

Dan pediu a Spalding que se mantivesse calma. Para o bem de todos.



ALÔ!... ALÔ!... CONSUMIDORES DO "ÓLEO DE CEDRO" – O melhor para os móveis



Comecem a guardar o maior número possível de vidros vazios do "ÓLEO DE CEDRO".

Dentro de algum tempo, será lançado o mais sensacional Concurso: com distribuição de 33 prêmios, em Auditório. Cada vidro dará direito a uma participação. Prêmios de Cr$ 50,00, Cr$ 100,00, Cr$ 200,00, Cr$ 500,00, Cr$ 1.000,00 e Cr$ 5.000,00.

No Concurso não poderá deixar de sair todos os prêmios. Tudo será feito às vistas do participante, de maneira a mais original.

Aguardem o sensacional Concurso do "ÓLEO DE CEDRO", o melhor para os móveis.

Com antecedência serão dadas as bases do Concurso. Entretanto, terá mais possibilidades quem tiver maior número de vidros vazios.

Algum dia a senhora dirá: — Concurso igual a êste nunca se viu!...

"ÓLEO DE CEDRO" – O melhor para os móveis

Curso de Bacharel e Perito

Para os diplomados em contabilidade, brasileiros ou estrangeiros; informações para todos os endereços do interior dos Estados. Carta para resposta: **ESCOLA DE COMÉRCIO E CIÊNCIAS — Caixa Postal nº 3.024 — Rio de Janeiro.**

Registro de diplomas de escolas de comércio ou superior e **registro de professôres diplomados ou não diplomados.**

Legalização de Economistas não diplomados — Decreto Federal 31.794, de 17-11-52. — Validade de Curso de Ensino Superior Livre Médicos, Farmacêuticos, Dentistas, na forma da Lei do Congresso nº 1.919, de 24 de julho de 1953. — PROFESSOR LUPÉRCIO PENTEADO — Aceita procuração do interior do País. — Expediente das 9 às 18 horas. — AVENIDA PRESIDENTE VARGAS Nº 435 — EDIFÍCIO RIO DOURO, 12º ANDAR — SALA 1201 — TELEFONE: 23-4686.

COMO APRENDER A DANÇAR



5ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Chôro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início, sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Rua da Liberdade número 120 —— São Paulo.

Pedidos pelo reembôlso postal: Cr$ 50,00 — Caixa Postal 649 — S. Paulo.
À venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

Cupom «Escola de Corte e Costura São Paulo»

Nº 600 Curso por Correspondência para Senhoras e Alfaiates

——//——

À Escola de Corte e Costura «São Paulo» dos Métodos «VOGUE»

**Rua José Vilagelim Júnior, 52 — Caixa Postal 838 — CAMPINAS
Estado de São Paulo**

Peço enviar-me gratuitamente prospectos sôbre o ensino de « Artes e Modas », curso de Professôras e Contra-mestres.

NOME ....

RUA. .... Nº ....

CIDADE. .... ESTADO ....

PEQUENA HISTÓRIA DO CINEMA

DÉCIMO PRIMEIRO CAPÍTULO

Como a maioria dos homens que dedicaram sua vida ao cinematógrafo, também Griffith, ao deixá-lo, trazia vazio os seus bolsos. É famosa uma frase sua: «Fiz 250 filmes e nada possuo, a não ser meu relógio». Êle punha quase sempre em suas rememorações um pouco da angústia que lhe ia na alma; trazia dentro de si um punhado de recordações amargas, embora suas vitórias tenham sido até certo ponto definitivas. Em 1930, o mundo cinematográfico relembrou Griffith quando foi anunciado, de sua autoria, um gigantesco tratado de cinema. Não se pode desconhecer que o cinema americano deve a Griffith os seus alicerces. Por muito que se renda homenagens a êsse homem de talento, será muito pouco para o volume da obra que êle deixou.

Em escala bem menor, porém de modo brilhante, outro cineasta colaborou para o progresso decisivo do cinematógrafo. Chamava-se E. S. Porter e gostava de introduzir em seus filmes os truques espetaculares. Num filme de Edson, produzido em 1907 (Rescued from au Eaple's Nest), Porter incluiu um truque realmente espetacular: uma criança era levada por uma águia por sôbre os montes.

Ao terminar a era gloriosa de Griffith, haveria de começar outra bem mais auspiciosa para o cinema americano. Teria início a fase dos «westerns» que até os dias de hoje é o gênero de filme de renda certa, sem o qual o cinema talvez não conseguisse sua estabilização. Um homem contribuiu decisivamente para o estabelecimento dessa fase. Seu nome: Thomas Harper Luce. Foi êle o criador das espetaculares perseguições a cavalo, com o herói de revólver em punho «caçando» o bandido e restabelecendo a lei.

(Continua no próximo número)

PARA O ÁLBUM DO FÃ

**FOTOS DO SEU CRAQUE E CLUBE FAVORITOS
ARTISTA DE RÁDIO OU DO CINEMA BRASILEIRO**

TAMANHOS:
13 x 18 — Cr$ 15.00 ● 18 x 24 — Cr$ 30.00

Pedidos pelo Reembôlso Postal a Newton Viana:
Praça Floriano, 19 - 1º and., s/13 — Edifício Império — Cinelândia

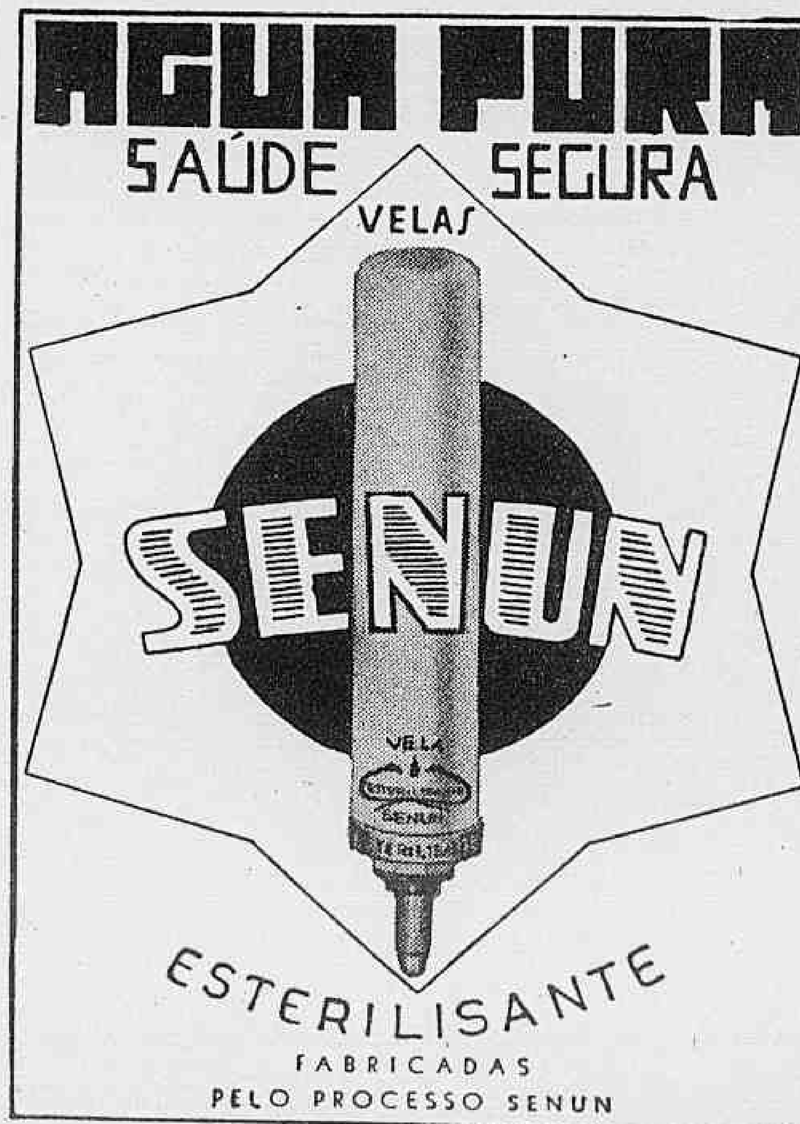
Queira enviar-me pelo Reembôlso ....**fotografia (s) de**..........................

....
(Nome do jogador, clube ou artista)

NOME..

RUA..

CIDADE..**ESTADO**..........



FLASH EUROPEU

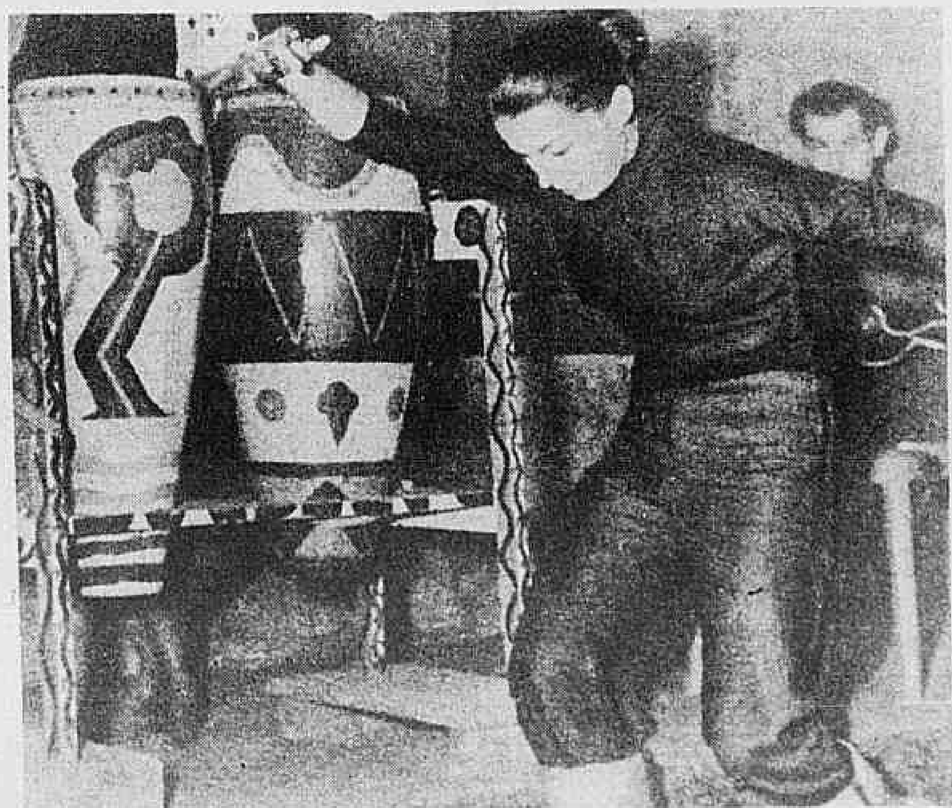


Na foto exclusiva de A CENA vemos Kaouru Yachigusa e outras atrizes japonêsas que chegaram recentemente a Roma para as filmagens de «Madame Butterfly», co-produção ítalo-japonêsa empreendida por Rizzoli-Galone Toho, sob direção de Carmine Gallone. A Art Films distribuirá essa produção no Brasil.

O «Oscar» francês é distribuído ao Diretor Cluzout e aos artistas Martine Carol, Michèle Morgan e Jean Claude Pascal.



Silvana Mangano, a espetacular, aqui aparece ensaiando um dos números que interpreta em «Mambo», sua nova e audaciosa película. Silvana continua muito sensual!



A talentosa «estrêla» italiana Valentina Cortese e seu filho Jackie. A Cortese está de férias em sua terra natal.



torre Eiffel

O SALTO Sensacional!

- FINISSIMO (*TIPO AGULHA*)
- INQUEBRAVEL
- 8 CENTIMETROS DE ALTURA
- UMA MARAVILHA







insinuante

É A MAIOR E MELHOR SAPATARIA DA AMERICA LATINA E É TAMBEM UMA GALERIA A SUA DISPOSIÇÃO COM AGUA GELADINHA SEMPRE AS SUAS ORDENS.

CARIOCA, 46-48
SETE SETEMBRO, 199-201

AT. SEMOG/.

Remetemos para todo o Brasil; porte por par, 5 cruzeiros. Não fazemos Reembolso Postal.



UM MERECIDO

PRÊMIO PARA

A TALENTOSA

ARTISTA

"COLORED", GLÓRIA

DO CINEMA

BRASILEIRO

RUTH GANHOU O SACI

ANUALMENTE o jornal «O Estado de São Paulo» promove a escolha dos «Melhores do Ano», do Cinema e do Teatro nacionais, outorgando aos selecionados o prêmio «O Saci», cuja popularidade é imensa e muitos já o consideram equivalente em importância ao «Oscar» distribuído pela Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood.

Em 54 foram vários os contemplados com o «O Saci» e entre êles a talentosa artista «colored» Ruth de Souza, pela sua interpretação em «Sinhá Moça». Convém assinalar que pelo mesmo trabalho Ruth concorrera o ano passada ao primeiro prêmio do Festival de Veneza, perdendo para Lili Palmer, por apenas um voto. Aí está Ruth de Souza com o seu «Saci» nas mãos e sorrindo para os fãs. Sabe-se que Ruth interpretará «Sinhá Moça» no palco, pois o argumento do filme sofre no momento adaptação para o teatro. Ruth fará ainda o papel principal de «A Maldição Negra», o filme a ser rodado em Santa Rita do Passa Quatro. (Foto TV Record, São Paulo).

OS DEZ MELHORES FILMES DE 54

"ASTROS" E "ESTRÊLAS" EM DESFILE

OS MELHORES FILMES — OS MELHORES DIRETORES — OS ASTROS EM EVIDÊNCIA — NA ÓRBITA DOS GRANDES ÊXITOS

Seleção de ALBERTO SIMOENS BELLO

NÃO se pode afirmar que o ano de 1954 tenha sido dos mais brilhantes em lançamentos. Não. Foi, porém, um ano cheio de contrastes apesar da inovação do CinemaScope, (Som Estereofônico, 4 faixas magnéticas, direcional e de alta fidelidade), lançado pela 20th. Century Fox, e, ainda não superado. Na apuração dos melhores notamos que entre os concorrentes há filmes americanos, franceses, inglêses e italianos, inclusive um sueco, «A Última Felicidade». Esta diversidade, em nossa opinião, é um bom indício, pois nos mostra que o nosso contacto com outros cinemas poderá ser estreitado.

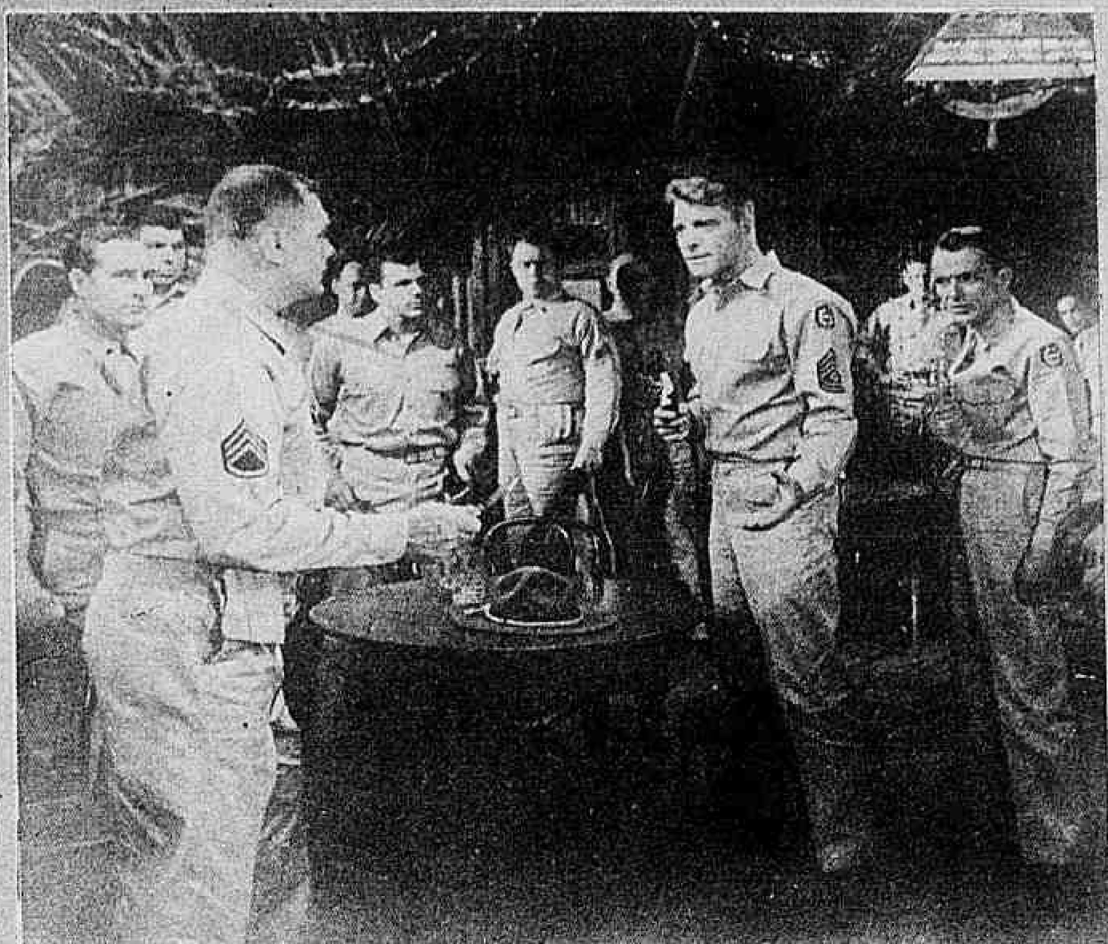
A supremacia do cinema europeu (na questão da arte) sôbre o cinema americano foi um fato em 54. Talvez isso aconteça porque os estúdios do velho Continente produzem em escala menor, porém atentando sempre para a qualidade artística dos filmes. Também os artistas (sempre bons), concorrem para a vitória dos filmes europeus na classificação anual. Em 54, êles contribuíram decisivamente!

- ★ **«ROMA, ÀS 11 HORAS» (R. K. O.)**
- ★ **«A UM PASSO DA ETERNIDADE» — (Columbia)**
- ★ **«SEM BARREIRAS NO CÉU» — (London Filmes - U. C. B.)**
- ★ **«OS BRUTOS TAMBÉM AMAM» — (Paramount)**
- ★ **«O SALÁRIO DO MÊDO» — (França Filmes)**
- ★ **«BRINQUEDO PROIBIDO» — (França Filmes)**
- ★ **«SOMOS TODOS ASSASSINOS» — (França Filmes)**
- ★ **«CRIMES DA ALMA» — (Art-Filmes)**
- ★ **«A CRUZ DA MINHA VIDA» — (Paramount)**
- ★ **«A ÚLTIMA FELICIDADE» — (França Filmes)**



ROMA, ÀS ONZE HORAS

ROMA, às 11 Horas», marcou um dos pontos altos pela narrativa simples e revestida de uma poesia-síntese, sem entrar em detalhes inecessários e sem lances patéticos forçados, pois que os momentos de alta dramaticidade eram transmitidos por detalhes de direção ou pela expressão daqueles rostos espantados, (a cena da queda da escada) ou, ainda, pela máscara expressiva de Paolo Stoppa, naquele pobre pai arruinado, que andava com os filhos de um lado para o outro. Foi a melhor obra de De Santis, pois que as outras, «Ana» e «A Lôba» repousaram sôbre as interpretações de suas primeiras figuras, no caso, Silvana Mangano e Kerima, esta seguida de perto por May Britt





A Um Passo da Eternidade», que a Columbia guardou como cartada decisiva para figurar no rol em 1954, é indiscutìvelmente, a mais destacada obra pelos prêmios da Academia de Ciências e Artes de Hollywood, assinada por Fred Zinnemann, que deu um sentido pluràlico a sua obra, além de fornecer um ritmo fragorosamente vivo e contundente, onde quase não se pode destacar uma cena, pois elas estão encadeadas e formam uma só peça. Com ótimos atores, tais como, Montgomery Clifft, Burt Lancaster e Deborah Kerr, revelou-nos, ainda, Frank Sinatra e Donna Reed em inesquecíveis interpretações.

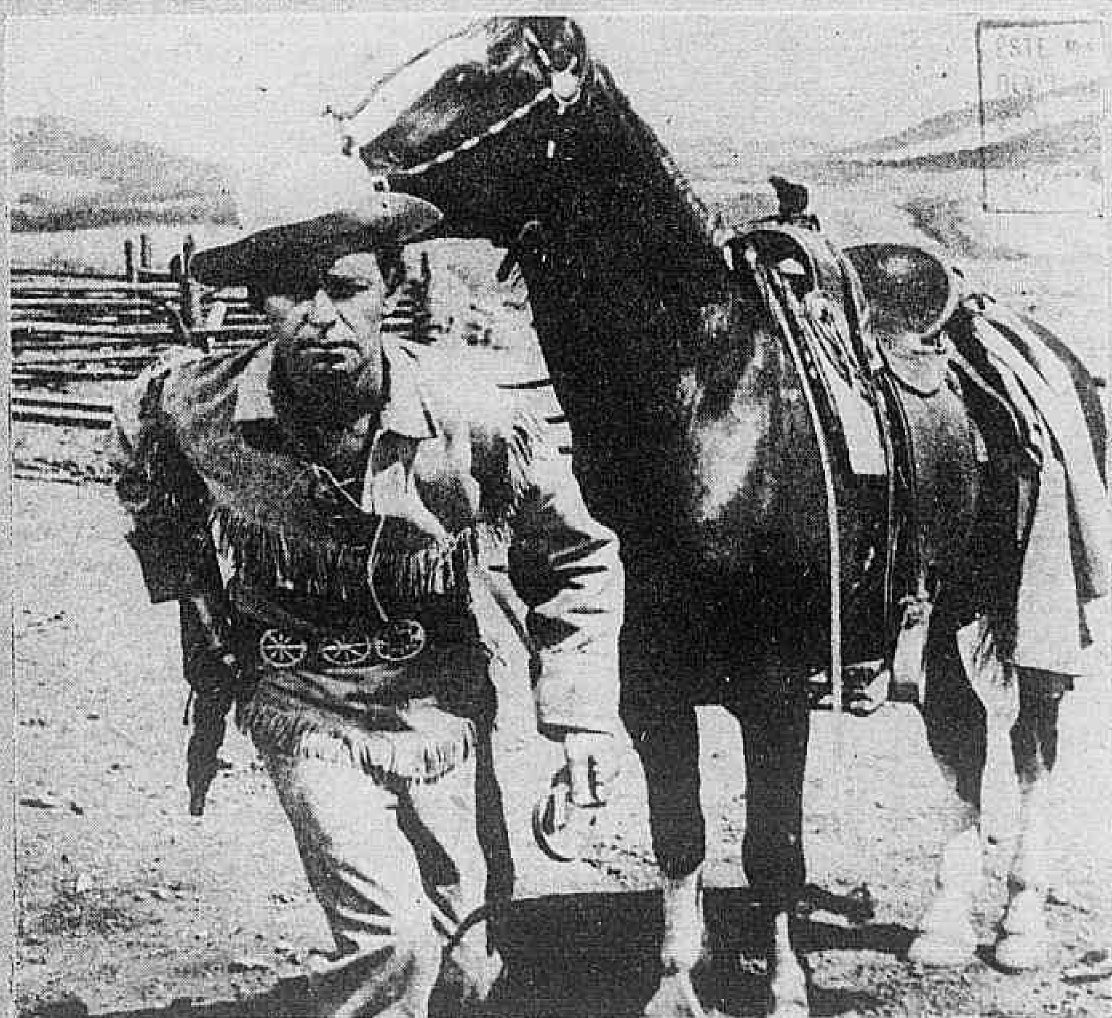
Na opinião do cronista, «A Um Passo da Eternidade» foi o **filme mais impressionante de 54.**

SEM Barreiras no Céu», dos filmes inglêses apresentados, tais como «O Homem do Terno Branco» e «O Martírio do Silêncio», foi o melhor e o mais inteligente, aquêle que nos deu uma obra de equipe, pois que ao lado de ótimas performances de Ann Todd, Sir Ralph Richardson e Nigel Patrick, havia a esquemática e construída direção de David Lean, a sensível fotografia e o uso inteligente e funcional do som, verdadeiro «astro» dêsse filme diferente, mas que nem por isso deixou de ser emocionante, pois que muitos realizadores, na ânsia de ser diferentes realizam obras frias e inexpressivas, tais como «O Diabo Riu Por Último», que John Huston desperdiçou e com êsse alarde técnico — frio, portanto, — diluiu a interpretação de um bom elenco.

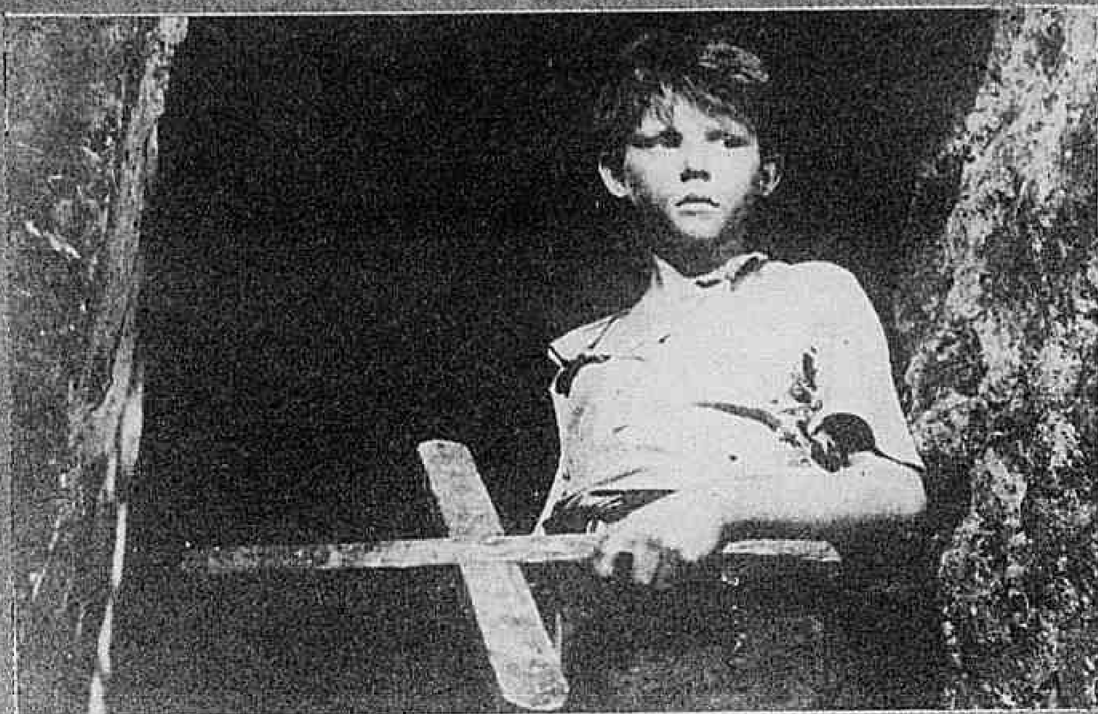
EM «Os Brutos Também Amam», triunfa em primeiro plano direção de George Stevens, que fêz de um argumento batido uma obra de toques humaníssimos e com «climax» revestido dum sentido poético, quase lírico. Stevens fêz de Alan Ladd um verdadeiro ator, tal como Van Heflin, ator frio, que com essa interpretação deu novo impulso à sua carreira. Jean Arthur, boa atriz, compareceu um tanto eclipsada. Memorável, também, foi a interpretação do garôto Brandon De Wilde. Foi a melhor fotografia em Technicolor.

Muito bonita a música-tema do filme, perfeitamente funcional em várias seqüências, principalmente naquelas que mostravam o belo panorama onde se desenvolve a história de «Shane», o cavaleiro errante.

O Salário do Mêdo», discutidíssimo filme de Clouzot, marcou a sua presença pelo violento sentido de sua falta de piedade, pela nota de fatalismo e pelo cruel de seus personagens, magistralmente vividos por Charles Vanel e Yves Montand. Negar os valores ou diminuir por esta ou aquela razão o filme de Clouzot, não é admissível, mas também aceitar sem análise aquilo que em Clouzot é ponto de partida, (aquela morbidez exacerbada, a crueza dos sentimentos, etc), é não ser conscencioso ou não analisar objetivamente aquilo que o torna um cineasta cheio de altos e baixos. «O Salário do Mêdo» é um filme que vive do desumano, mas que se salva brilhantemente, pela direção e pelas interpretações citadas.









DE «Brinquedo Proibido» já falamos que era «onde o poético e o mórbido se contraponteavam com imagens eloqüentes e simples» e, agora, reafirmamos que aquêle mórbido, diferente em tom e sentido do mórbido usado por Clouzot, era proveniente de um contraste entre a compreensão dos adultos, formal, e a inocência daquela menina diante do mistério maior da morte, que apenas vibrou em seu sentimento quando morreu-lhe o cãozinho. René Clement, com aquêle seu estilo agudo e penetrante, deu-nos, no grupo francês, o melhor filme do cinema europeu, também, o mais elaborado e equilibrado.

Outro ator juvenil de muito valor que comparece nesse filme é Georges Poujouly. Sua atuação por vêzes chega a igualar-se com a da heroína do filme: Brigitte Fossey.

SOMOS Todos Assassinos», conquanto tenha sido um filme de atmosfera sufocante deixou entrever um átomo de esperança, que André Cayatte, ao contrário de Clouzot não sufocou. Entre as qualidades do filme notamos o «climax» da rebelião dos presos e o plástico da construção total das cenas, com pequenas quedas entre uma e outra, mas salvas pela «performance» digna e emocional de Marcel Mouloudji, seguido de perto, também, pelo menino de «Brinquedo Proibido»..

«Somos Todos Assassinos» — em resumo — é mais uma mensagem vibrante de Cayatte, o diretor que polemisa com seus filmes. Alguma coisa nos toca durante o desenrolar de seu novo trabalho: a verdade das imagens.

MICHELANGELO ANTONIONI assinou «Crimes da Alma», para o qual usou uma linguagem expressiva e rítmica notáveis, mas que viveu, sobretudo, da interpretação de Lúcia Bosé, atriz tão boa quanto uma Anna Magnani.

«Crimes da Alma» é um estudo de muito valor da alma humana, principalmente da gente da alta sociedade, cujos conflitos conjugais por vêzes atingem situações dramáticas. Muito valeu para as seqüências realmente fortes como drama, de «Crimes da Alma», o talento de Lúcia Bosé, magnífica na mulher sensual, porém insatisfeita de amor e à procura de uma felicidade proibida.

A Cruz da Minha Vida» trouxe-nos uma nova atriz, atriz com «A» grande, capaz de nos revelar, com um simples gesto ou um simples olhar, emoções insondáveis. Shirley Booth é essa atriz, artista pelos quatro costados. O filme da David Mann é um dêsses estudos que só de, raro em raro, um diretor tenta realizar. Burt Lancaster deu-nos outra «performance» de contornos precisos e cálidos. Tão boa quanto a que nos brindou em «A Um Passo da Eternidade», senão melhor, pois exigia mais agudeza de interpretação.

Também Terry Moore tem um desempenho satisfatório no papel de uma garôta volúvel que com seu procedimento leviano quase provoca uma tragédia. «A Cruz da Minha Vida» foi um filme de elenco impecável.







A Última Felicidade», filme sueco, com diretor e atores de pouco conhecimento do grande público, com quase nenhuma propaganda, foi lançado (escondido) em pleno verão passado, mas isso não impediu que fôsse visto, sentido e aplaudido. Dessa obra só podemos dizer que foi um dos mais belos filmes do ano e situa-se entre os mais destacados dêsses últimos tempos,.

OS MELHORES DIRETORES

Como quase sempre acontece, os melhores diretores do ano são os responsáveis pelos melhores filmes e, assim, temos David Lean (Sem Barreiras no Céu), André Cayatte (Somos Todos Assassinos), George Stevens (Os Brutos Também Amam), Fred Zinnemann (A Um Passo da Eternidade), Michelangelo Antonioni (Crimes da Alma), Clouzot (O Salário do Mêdo), David Mann (A Cruz da Minha Vida), René Clement (Brinquedo Proibido), De Santis (Roma, às 11 Horas) e Alexander Mackendrick por «O Homem do Terno Branco», onde apresentou um estilo claro, irônico e analista, pois que estêve ótimo na apresentação dos tipos. Jacques Becker, (Vivamos Hoje), Roy Rowland (5.000 Dedos do Dr. T), J. L. Mankiewicz (Júlio César), Tati (Carrossel da Esperança), Edward Dmytrick (Oito Homens de Ferro), Otto Preminger (Inferno 17), Duvivier (D. Camilo) e alguns outros diretores ficaram a um passo de realizarem obras de realce vultososo.

NA ÓRBITA DOS GRANDES SUCESSOS

Não foram os melhores, mas tiveram qualidades para agradar, e até mesmo para emocionar ou impressionar o público, filmes como «A Roda da Fortuna» único grande filme lançado pela Metro em 1954, mas que fica muito aquém das outras realizações de Minnelli, como «Sinfonia de Paris» etc., pois que «Júlio César», apesar de fiel ao texto algo lhe faltava, talvez, mais calor humano... «Inferno 17», «O Mar Que Nos Cerca» (Documentário), «Pão, Amor e Fantasia», «Como Agarrar Um Milionário», «Carrossel da Esperança», «Um Leão Está nas Ruas», «Mais Forte que a Morte», «3 Histórias Proibidas», «Outros Tempos», «Filho do Amor», «O Manto Sagrado», «O Selvagem» e alguns outros, se aproximaram, voltamos a dizer, de figurarem como obras definitivas na temporada de 1954.

Finalizando, podemos afirmar que o ano de 1954 foi um ano equilibrado, se bem que alguns filmes continuem arquivados nas prateleiras, mas isso já é outra história...

ANALISANDO O ANO CINEMATOGRÁFICO

Entre os dez primeiros filmes do ano é curioso notar que dos dez, sete são de procedência européia, («Roma, às 11 Horas», «Crimes da Alma»: italianos); («Sem Barreiras no Céu», inglês); («O Salário do Mêdo», «Brinquedo Proibido», «Somos Todos Assassinos» franceses) e, finalmente, («A Última Felecidade», sueco), enquanto que a produção americana se fêz representar por «A Um Passo da Eternidade», «Os Brutos Também Amam» e «A Cruz da Minha Vida». Assim, graças aos esforços da «França Filmes» pudemos assistir e selecionar aos melhores filmes de 1954, isto é, aquêles que nos despertaram mais emoções e nos revelaram aspectos novos e novas personalidades artísticas para o cinema atual. Não somos muito amigos de comparações, mas que outro cinema, senão o gaulês, para nos brindar com um filme tão coêso como «Brinquedo Proibido», onde o poético e o mórbido se contraponteavam com imagens eloqüentes e simples?... Lembrar êsse filme de Clement é, imediatamente, recordar a incrível e quase sôbre-humana interpretação daquelas crianças, Brigitte Fossey e George Poujouly.

Nesta lista caberiam filmes como «Umberto D», «As Infiéis» e «Pão, Amor e Fantasia», aquêles dois primeiros exibidos em «Festivais» e êste último exibido com amplo sucesso e até reprisado.

Como já dissemos, os filmes europeus estiveram sempre em plano superior aos americanos com relação à arte. Mesmo as películas que não entraram na relação e são citadas linhas acima, foram realizadas nos estúdios de Roma; tôdas elas superaram os concorrentes, com predicados artísticos muito evidentes. (A.S.B.)







OS ASTROS DE 1954

ALEC Guinness é o ator inglês que se destaca logo depois de Sir Ralph Richardson pelas atuações de "O Homem do Terno Branco" e "Céu Sem Barreiras". Marcel Mouloudji, Charles Vanel, Yves Montand e Fernandel, êste último num filme franco-italiano, "Dom Camilo", apresentado pela United Artists, fizeram as honrarias para o cinema francês. Marlon Brando ("O Selvagem"), William Holden (Inferno 17), Hans Conried (5.000 dedos do Dr. T), conquistaram aplausos para Hollywood, tal como Burt Lancaster em diferentes "performances" de "A Um Passo da Eternidade" e "A Cruz da Minha Vida", apesar de um tanto lesado pelo excepcional talento de Shirley Booth. Em papéis secundários tivemos uma esplêndida atuação de Paolo Stoppa em "Roma, às 11 horas", naquele pai desnorteado. Se tivéssemos de falar do pior ator do ano, sem dúvida o titulo caberia para Fernando Lamas por suas várias atuações, principalmente pelo seu "Conde Danilo" em "A Viúva Alegre"... tristissima versão inferior a do cinema mudo. Portanto a milhares de metros de distância daquela de Jeanette McDonald e Chevalier, dirigidos por Lubistch. O setor masculino estêve equilibrado entre artistas franceses e americanos. Questão de escolha...



















ESTRÊLAS EM MAIS EVIDÊNCIA

SE formos falar em evidência pela quantidade de filmes, Gina Lollobrigida vem em primeiro lugar, pois que no decorrer de 1954 assistimos, pelo menos, a sete filmes seus. A evidência que aqui desejamos ressaltar é aquela que fica marcada pela qualidade das interpretações, mas, ai também Gina Lollobrigida ocupa um lugar de destaque pela sua atuação em "Pão, Amor e Fantasia", onde conseguiu eclipsar o ótimo ator que é Vittorio de Sica. Outra italiana, Lucia Bosé, destacou-se do comum, pela sua genial e marcante vida no papel interpretado em "Crimes da Alma". Kerima, no filme, "A Lôba" deu, também, um "show" de arte dramática, tão grande quanto o de Joan Crawford em "Se eu soubesse Amar", filme mediocremente realizado por Charles Walters, onde a grande Crawford andou beirando o ridículo e o falso patético, mas que sua arte soube contornar. Shirley Booth se agigantou em "A Cruz da Minha Vida", onde deixou Burt Lancaster em segundo plano, mas num segundo plano digno, pois que êsse ator é daqueles que sabe representar com justeza qualquer papel. Danny Robin em "Mais Forte que a Morte" foi outra atriz comovente de 1954. Ann Todd, Deborah Kerr e Jenniffer Jones estiveram notáveis em suas interpretações em "Céu Sem Barreiras", "A Um Passo da Eternidade" e a última, Jenniffer, no "Fúria do Desejo" vivendo uma mulher torturada e insatisfeita em face dos preconceitos de casta social. May Britt foi outra estrangeira do cinema italiano que deixou profunda impressão em "A Lôba" e "As Infiéis".











REVELAÇÕES DO CINEMA EM 54

NO plano das revelações temos o grato prazer de sālientar o nome dessa extraordinária menina que é Brigitte Fossey, que tornou possível a realização de um•filme como «Brinquedo Proibido». Sua performance é daquelas que ficarão imortalizadas na história do cinema. Etchika Choureau foi outra revelação do cinema francês em «Filhos do Amor», onde, também, surgiu a personalidade de Joelle Bernard, que por viver um tipo antítese do personagem de Etchika teve, mais realce, ainda, apesar de ser o seu papel secundário. Ulla Jacobson foi outra revelação eloqüente em «A Última Felicidade», bem como o seu jovem galã, Folke Sundkvist. Shirley Booth, pela sua atuação (sem jaça) em «A Cruz da Minha Vida», e Jay Robinson com o seu «Calígula» de «O Manto Sagrado», garantiram para o cinema de Hollywood dois valores de expecionais qualidades e mostram que Hollywood não despreza o talento, pelo menos por enquanto... Isto se comprova com a presença de Maggie McNamara em «Ingênua até certo Ponto», cinema-teatro de Otto Preminger, que apenas serviu para revelar esta atriz sensível e graciosa.



Jay Robinson: Calígula.



Ulla Jacobson.



Folke Sundkvisk







O PIOR ATOR DO ANO

O argentino Fernando Lamas, agora radicado em Hollywood, conseguiu (com facilidade) o lugar de pior ator do ano, contribuindo com «A Viúva Alegre» e outros desempenhos falhos.



● Brigitte Fossey, apesar da idade e de haver feito apenas um filme importante (Brinquedo Proibido), superou nitidamente as demais atrizes do cinema em 54.

● Etchika Choreau e Jean Claude Pascal, dois novos valores do cinema francês, nos deram boas interpretações em «Filhos do Amor». Ela mais do que êle.

● Maggie McNamara foi a grande surprêsa do ano em «Ingênua até Certo Ponto», compondo uma garôta que era ingênua apenas na aparência. Bom trabalho.

SIMONE SILVA SENSACIONAL



Simone Silva exibe aqui o traje usado em Cannes e que originou o caso que a tornou mundialmente famosa. Ela possui um busto maravilhoso!

Outra pose da «estrelinha» inglêsa durante um passeio pelo Gran Ganyon. Simone está gostando dos Estados Unidos!



A plástica de Simone pode agora ser apreciada, depois de sua vitória na Côrte de Imigração.





Livrando-se do «cativeiro» que lhe foi impôsto por Al Petker, Simone quis conhecer seu novo país e visitou maravilhada o Gran Canyon, trazendo dali bela impressão.

O destino de Simone Silva foi de certo modo caprichoso, ao lançá-la em meio a um escândalo que por pouco não interrompe uma carreira em tudo por tudo, brilhante. Protagonista do famoso incidente do Festival de Cannes, quando foi fotografada de busto nu ao lado do astro americano Robert Mitchum, Simone Silva tomou conta dos noticiários e tornou-se o "assunto do dia". O produtor Al Petker, o mesmo que adquirira os estúdios de Chaplin e pensava em seu primeiro filme, contratou Simone e mandou buscá-la para Hollywood, conservando-a afastada da imprensa num apartamento secreto, enquanto procurava resolver seu caso junto à Côrte de Imigração, que negara permissão à estrelinha britânica para trabalhar nos Estados Unidos, alegando que ela não era atriz! Felizmente, Robert Mitchum depôs em favor de Simone e vários filmes da artista foram exibidos para os membros da Côrte e a permissão foi dada. Simone pôde sair do "cativeiro" e falar com os repórteres. De fato, ela é simplesmente sensacional!

Simone Silva, a «estrêla» que conquistou Hollywood, fêz amizade com um indio autêntico!

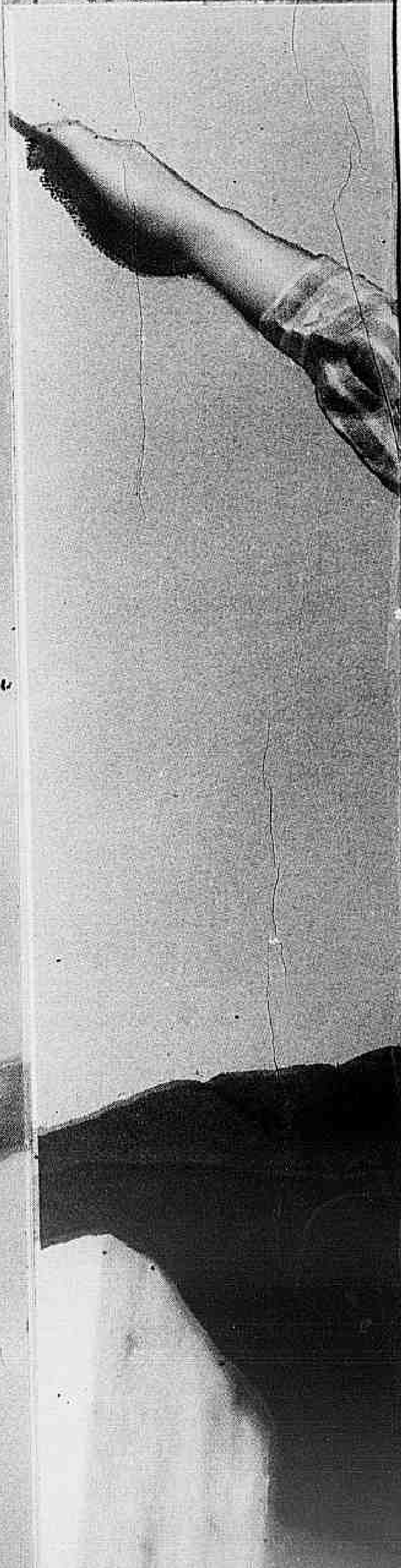


JANET

é assim...







JANET LEIGH JULGA-SE UMA CRIATURA INTEIRAMENTE FELIZ. ★ UM POUCO DE SUA VIDA RISONHA...

Por SUSAN TRENT



Janet faz diàriamente exercícios como êste visando a plástica...

Ela é grande amiga dos repórteres e campeã de entrevistas...



JAMAIS surpreendi Janet em atitude séria. Ela está sempre sorrindo. Lembro-me que certa ocasião perguntei-lhe a razão de tanta felicidade. Janet piscou-me o ôlho e respondeu:

— Você acredita que alguém possa ter tudo que desejou na vida?

Respondi que era possível existir uma criatura assim, mas ainda não havia encontrado, pelo menos em Hollywood. Janet sorriu e completou:

— Pois, olhe, eu julgava que você era mais observadora. Eu sou completamente feliz!

Ficamos conversando bastante tempo sôbre a vida de Janet e ela me contou coisas maravilhosas que agora posso transmitir a vocês. Por exemplo: Janet sempre sonhou ser atriz e nunca, em tôda sua vida, pensou que não pudesse ser o que desejava com tanto ardor. Ela mesma esclarece:

— Lutei muito, a princípio, mas quem não terá lutado? Acho que muito me auxiliou essa fôrça de vontade que me acompanha desde que nasci. Tony está sempre falando que eu me movimento demais. Quando estou em casa, procuro sempre alguma coisa para fazer. Quando ponho a mão no queixo e fico olhando para a decoração de nossa casa, Tony intervém logo:

— Já sei, Janet, você está pensando em mudar a posição dos móveis e tudo mais, não é?

— Como negar, se Tony adivinha sempre, o que estou pensando. Sabe que não me incomodo com isso? Até pelo contrário, pois Tony, com a sua mania de adivinhar o que estou pensando, está sempre arranjando novos

(Continua na pág. 42)



Victor Mature é um exemplo para os demais atores de Hollywood. Abdicou do trono de «Bonitão número um» para ser verdadeiramente um ator de cinema!



ELEONORA ROSSI DRAGO

ELA é uma das atrizes de maior cartaz no momento, no cinema italiano. Arte e sensualidade são os seus predicados nos filmes. Eleonora não é um tipo de beleza rara como Pampanini, e não tem um físico «lollobrigico», porém seu talento ficou evidente em todos os filmes que participou, a principiar com «A Voz da Carne». Recentemente brilhou em «Escravo do Vício» e «Mercado de Mulheres». Tem muito ainda para fazer no cinema. (Foto França Filmes).

TRABALHOU BEM GENIVAL!

RONALDO LUPO, O CANTOR, GOSTA DE CINEMA E PRODUZIU UMA COMÉDIA MUSICAL QUE TEM ENTRE OUTRAS ATRAÇÕES A QUERIDA EMILINHA BORBA E A RAINHA DO BAIÃO CARMÉLIA ALVES!

Ronaldo Lupo e Diana Morel, os principais de «Trabalhou Bem... Genival!».

Ronaldo, Diana e Túlio Berti em uma cena da nova comédia do cinema nacional. Ronaldo canta em várias seqüências do filme.











O cinema brasileiro, apesar de tôdas as crises que o envolvem, vai caminhando, em marcha vagarosa, é bem verdade, porém caminhando, que é o que interessa. Seu gênero de maior sucesso é a comédia musicada e aqui estão as primeiras fotos de um filme do gênero: «Trabalhou Bem, Genival!», filmado graças à iniciativa de um cantor radiofônico que tem como grande paixão, o cinema. Chama-se Ronaldo Lupo e começou sua carreira no cinema nacional em «Era uma vez um Vagabundo». Depois tomou gôsto pelo cinema e participou de «Está com Tudo», para agora voltar nesse filme em que pôs tôdas as suas economias, energias e esperanças. A comédia foi extraída de um original de Daniel Rocha e José Wanderley e, conta com um escritor inimigo do amor à primeira vista, apaixona-se à primeira vista por uma garôta que não lhe dá a menor atenção. Os números musicais amenizam o drama do rapaz e são interpretados respectivamente por Emilinna Borba, Carmélia Alves, Trio Nagô, pelo próprio Ronaldo Lupo. Atua na comédia gente famosa no rádio e cinema: Diana Morel, Afonso Stuart, Túlio Berti, Rosita Rocha, Grijó Sobrinho, Zé Trindade, Suzy Kirby e Válter Sequeira. O rapaz da história que ama e canta, é Ronaldo Lupo, também produtor.





A PAMPANINI COMO ELA É...

NUNCA disse a ninguém o que penso (sinceramente) de Silvana Pampanini. Somos bons amigos desde o concurso Miss Itália (1947) que a revelou para o cinema, e daí por diante, estamos juntos quase tôdas as semanas, nos estúdios. Adoro observar as «estrêlas» na intimidade e é justamente por isso ou talvez seja por isso (não sei bem), que não consigo tomá-las a sério quando o papel exige maior dose de dramaticidade ou

«A Presidenta» marcará na carreira brilhante de Silvana Pampanini um belo triunfo, isso porque ela compõe um tipo de mulher bem diverso de todos que até aqui viveu.

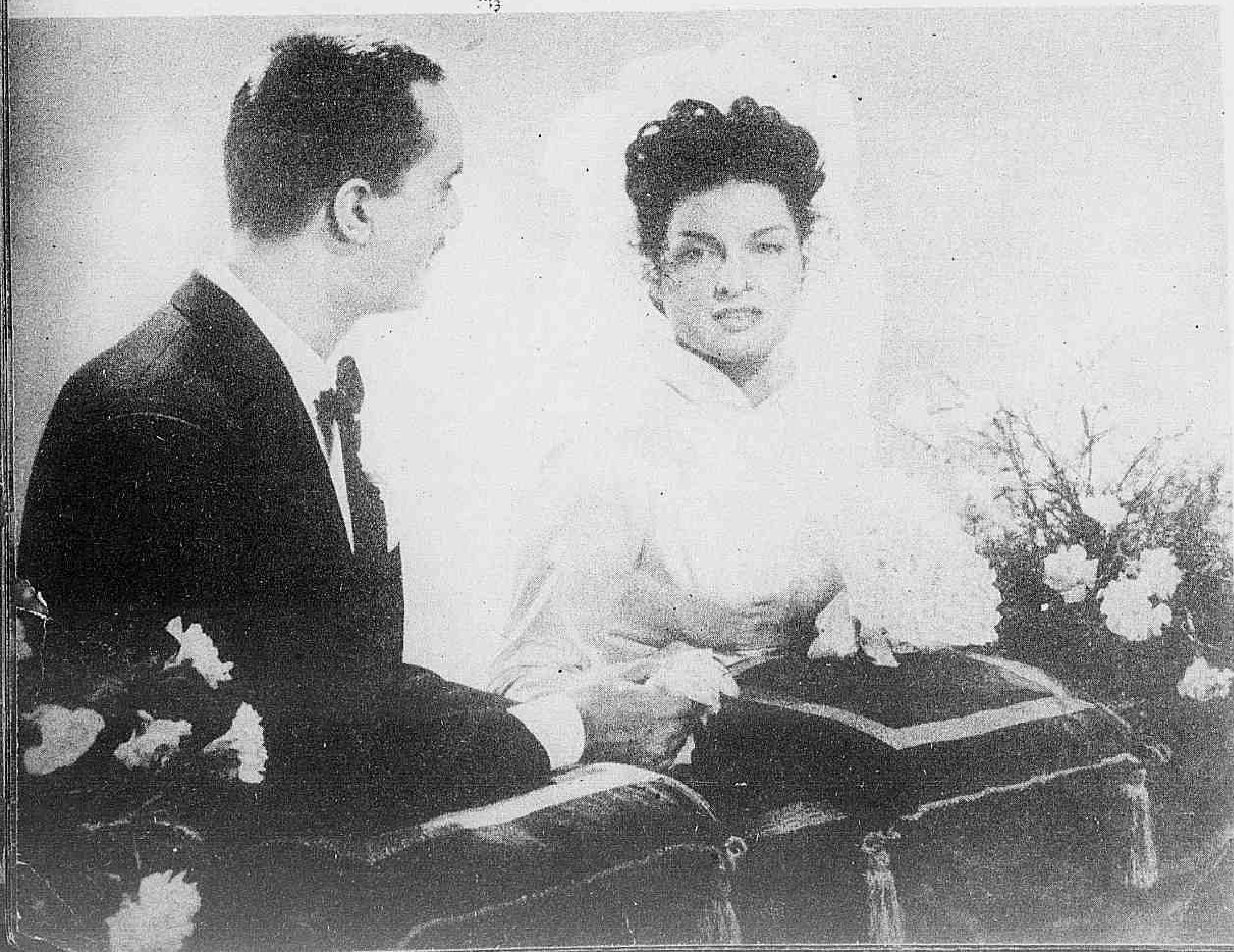
Uma expressão de Silvana Pampanini. Ela é de fato uma linda mulher. Linda e sensual.







A Pampanini é uma mulher ambiciosa e não faz segrêdo disso. No futuro pensa em fazer pouquíssimas concessões à bilheteria...



A Pampanini não tem vícios. Não fuma, não jogo e não bebe. Adora o mar e os esportes de inverno. Passa seus fins-de-semana numa praia afastada ou nas montanhas, em companhia de amigas íntimas e da família, da qual é inseparável.

A «estrêla» de «Cidade da Perdição», distribuída pela Art Filmes, não pensa em casar tão cedo. Disse ela ao repórter que só o fará quando estiver independente artística e econômicamente. Ei-la no papel de noiva em um de seus filmes.

um tom mais carregado de comédia. Apresso-me, no entanto, a esclarecer que às vêzes elas me surpreendem admirando-as como qualquer fã e quando isso acontece julgo que estou envelhecendo, perdendo a austeridade de jornalista e crítico, chegando afinal à situação de um simples amigo, um dedicado amigo das horas confusas de trabalho quando elas tôdas (sem exceção), são apenas criaturas em busca da glória, tão temerárias da impressão do Diretor que as orienta no momento e tão ansiosas por saber como sairão na tela quando o «copião» fôr projetado. Essa preocupação constante, faz com que tôdas se pareçam, embora no íntimo sejam diferentes como água do vinho. Falar de Pampanini, por exemplo, é falar de uma mulher paradoxal. Ela seria capaz de nos agredir, como nos beijar, com a mesma naturalidade, obedecendo tão sòmente a um impulso que poderia ser para uma ou outra situação. Confesso que não tive oportunidade de observá-la num momento de ira, porém já me disseram seus familiares que Silvana não perde o contrôle muito fàcilmente. Bem, pelo menos essa é a impressão que todos guardam dela aqui em Roma, onde nasceu, criou-se, estudou (colégio de religiosas), tornou-se uma mulher tentadoramente bela, Miss Itália e depois a «estrêla» do cine, famosa no mundo inteiro. Mas, falar de Silvana (a Pampanini) dizia eu, seria falar de uma mulher paradoxal. É exato. Todos perguntam (e os que não o fazem, pelo menos devem pensar) por que Silvana não casou-se até hoje, se a rodeiam tantos admirado-



Dona de um busto espetacular, Silvana tem assinado contratos que exigem, como condição principal, que ela exiba seus encantos.



A PAMPANINI É UMA MULHER PARADOXAL



res, se é cortejada por homens influentes que poderiam oferecer-lhe céu apenas, céu aberto, situação invejável, posição que faria vibrar de emoção qualquer mulher com pretensões ao casamento? Com Pampanini a coisa toma aspecto mais sério, porque ela caminha para a era balzaquiana e sabe que sua beleza, embora ainda juvenil, tende a normalizar-se e com o tempo a tornará uma atraente mulher, muito mais mulher do que antes, se me entendem. Certo dia criei coragem de tocar no assunto. Haviam me prevenido (alguns colegas) que Silvana não me daria uma resposta satisfatória. Com êles tinha acontecido isso. Pampanini sorrira e dissera coisas que estavam longe de exprimir seus verdadeiros sentimentos com relação ao amor e ao casamento. Conversei com Pampanini sôbre o assunto e dou-me por satisfeito. Comigo ela usou de franqueza. Foi muito positiva:

— Guido... Só me casarei quando estiver independente, artística e financeiramente...

Ela sabe muito bem que uma coisa implica na outra, e portanto, quando as tiver assim bem asseguradas, estará em condições de aceitar as propostas sentimentais do homem que lhe despertar amor. Por enquanto, Silvana preocupa-se com a família. Ela costuma falar com entusiasmo de seus novos filmes, porém sempre notei um brilho diferente em seus lindos olhos (lindos e muito expressivos) quando refere-se as cifras de um contrato. É que isso tem para ela um significado especial. Significa mais um passo para o futuro tão sonhado. Como tôda artista que sobe meteòricamente, também a Pampanini certo dia olhou ao seu redor e concluiu que as luzes que a seguiam poderiam apagar-se de repente, tão de repente como havia começado a maravilhosa aventura. Como participante de uma «maravilhosa aventura», e como mulher inteligente, Silvana pensou que era tempo de firmar-se e projetar o futuro. É o que vem fazendo com êxito. Tem filmado muito, ùltimamente, e seu médico particular já aconselhou repouso. Sôbre isso Pampanini me disse certa ocasião no estúdio:

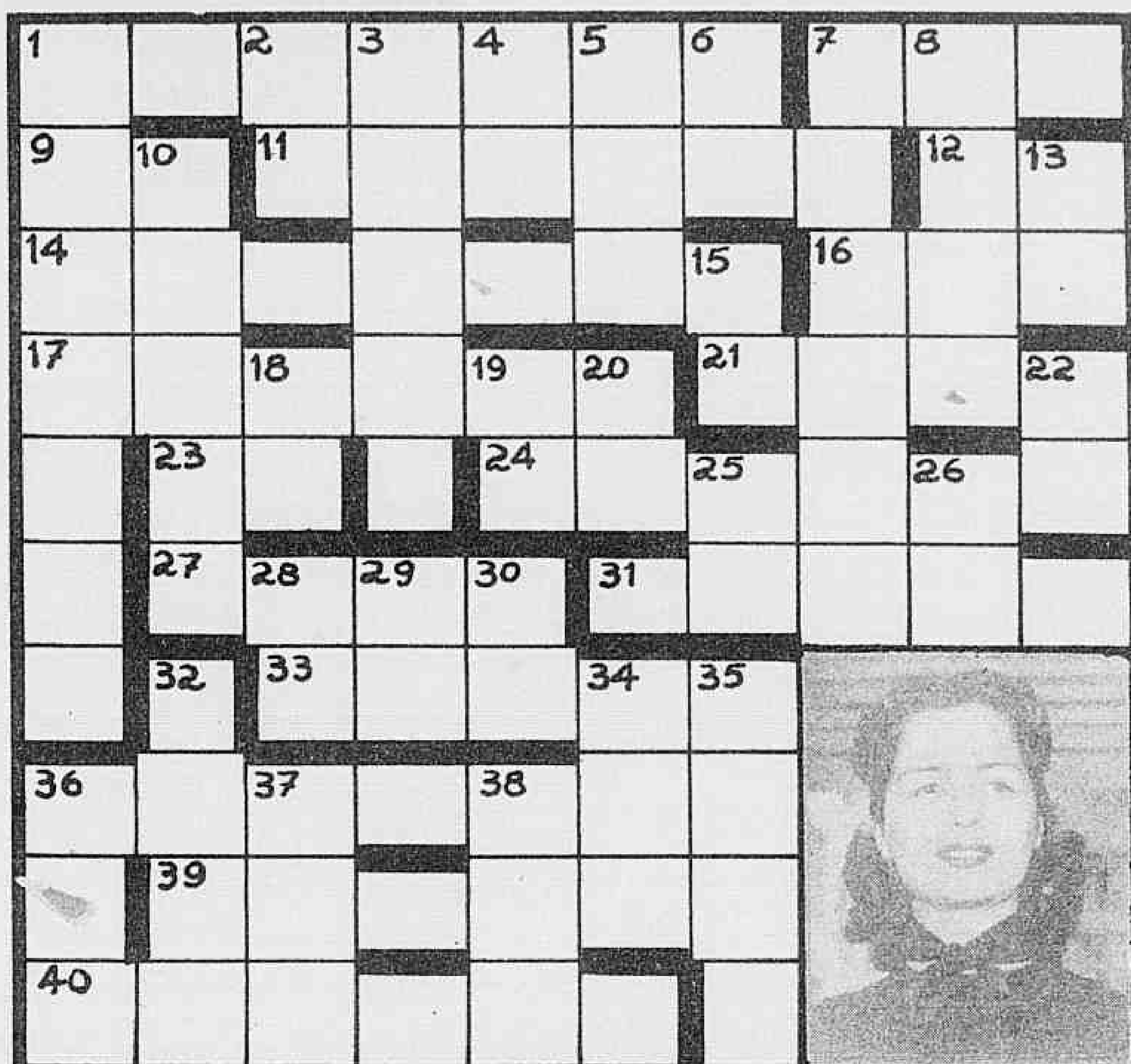
— Tive um convite para visitar a América do Sul... Tenho pensado muito nessa viagem...

Realmente. Dias depois a vi consultando catálogos de uma agência de turismo e seu interêsse concentrava-se no Brasil. Quando os jornais de Roma referiram-se à viagem e à acolhida simpática dos fãs brasileiros a outra famosa «estrêla» italiana (Gina Lollobrigida), o interêsse de Pampanini nessa viagem mais se acentuou. Ela colocava o assunto em tôdas as conversas e eu tive ocasião de notar em suas expressões, um tom de sincero fascínio pelo Brasil. Uma produtora ita-

(Cont. na pág. 42)

O corpo da Pampanini é o encanto de muita gente boa que aprecia os filmes italianos. Nesta cena, Silvana exibe seus dotes físicos. E como os exibe!

Cine PASSATEMPO


Otaner - Rio

PROBLEMA Nº 2

HORIZONTAIS: — 1. A «fada», nossa homenageada de hoje — 7. (Doris), a estrêla de «Lua de Prata» — 9. Substrato instintivo da psiquê — 11. (Wright), estrelou «Armadilha de aço» — 12. Ali — 14. (Robert), o astro de «Feitiço branco» — 16. Navio de guerra — 17. (Gabel), do cast de «Ladrão silencioso» — 21. A célebre Lollobrigida — 23. Despido — 24. (Lindford), a estrêla de «Ouro e vingança» — 27. (Alfred), tomou parte em «Virgem pecadora» — 31. (Cornel), fêz parte do elenco de «O maior espetáculo da terra» — 33. (Flynn), o astro de «Contra tôdas as bandeiras» — 36. (Stanwyck), a estrêla de «Vida contra vida» — 39. (William), o astro de «O trapaceiro» — 40. (de Havilland), a estrêla de «Eu te matarei querida».

VERTICAIS: — 1. (Jean), do cast de «O manto sagrado» — 2. Símbolo do nitônio — 3. O fôrro de uma casa — 4. Sufixo designativo de autor — 5. Criminoso — 6. Artigo plural — 7. (Gelin), o astro de «Romance proibido» — 8. (Ladd), tomou parte em «Uma aventura na Índia» — 10. (Douglas), a estrêla de «Ao rugir da tormenta» — 13. Símbolo do ouro — 15. Símbolo do magnésio — 18. Símbolo do rutênio — 19. Quatro romanos — 20. Símbolo do niquel — 22. Em partes iguais — 21. Enxerguei — 26. Quatrocentos — 28. Conceda — 29. Brisa — 30. Abr. de «mister» — 32. (Arlene), estrelou «Sentinelas do deserto» — 34. Reze — 35. (Turner), a louríssima «Viúva Alegre» — 36. Elemento grego que significa vida — 37. Corrói — 38. acrescentei.

SOLUÇÕES DO PROBLEMA Nº 1

HORIZONTAIS: — Dalton — Alida — rei — Lad — John — Swanson — rir — Linda — oir — milland — toa — Betty Grabl — A. C. — Monroe — ia — Oliver — Gene.

VERTICAIS: — Doris Day — aa — til — Nader — lio — Dani Robin — Joan — samba — Ail — nó — Rita — lie — mala — ar — to — gr — cl — mi — Ne — Og.



A mais ampla e moderna academia do Brasil. O mais completo sortimento de músicas para acordeão. Escreva pedindo a lista e encomende pelo Reembolso Postal. Vendas de acordeões Scandalli

RUA SENADOR DANTAS, Nº 7-A, 12º ANDAR -- TELS.: 42-4615 e 42-5453
São Paulo -- Praça Júlio Mesquita, 83, sobreloja
Tel.: 37-5679


Loção XAMBÚ
DÁ BELEZA E VIGOR AOS CABELOS
CONTRA A CASPA E CABELOS BRANCOS
EXITO GARANTIDO

BÉL-HORMON
A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado modernissimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº. ......
NOME..........
RUA.......... Nº.....
CIDADE..........
ESTADO..........

Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00

ALBERTO SIMOENS BELLO

FILMES EM REVISTA

O FILME DA QUINZENA

FLORADAS NA SERRA



INSPIRADO no livro de Dinah de Queiroz, grande sucesso há quinze anos atrás, pelo menos, o filme, nesse ponto, tem seu ponto fraco, pois a ação está atualizada e, como todos sabemos, a medicina progrediu a ponto de uma tuberculose ser hoje em dia uma coisa de somenos importância e curável em pouco tempo. Hoje em dia a tuberculose deixou de ter aquêle ar trágico que arrepiava aos de 20 anos passados e, portanto, morre dela quem quiser se suicidar, principalmente podendo gastar... Voltemos ao filme. Êle está realizado em linguagem direta, com toques humanos e objetivos. Por vêzes alcança um alto nível diretorial e vemos que Luciano Salce sentiu o tumultuar dos seus personagens e da intenção do roteiro. Bela, a cena em que a estrêla, Cacilda Beker, foge pela montanha acima e desmaia, rolando até ficar parada, quando, então, se avista ao fundo a cabana à longa distância. Êste, sem dúvida, é um momento de pura imagem, de puro cinema. Responsabilizo Salce e Ray Sturges por êste momento, pois o diretor deve estar bem unido para conduzir, tão inteligentemente, a câmara dêste fotógrafo. Juntos, êles fizeram o que, com outro realizador, teria sido feito com 300 ou 800 palavras... talvez. Nunca vi Cacilda Beker atuar. Conheço o seu renome. Temo tomar contato com ela, como temo aproximar-me dos tão falados «gênios». Sei que ela é um «caso». Respeito-a sem a conhecer. Também nunca vi Talulah Bankhead, mas respeito-a. Cacilda, também. (O mêdo do gênio, também, tem me afastado do teatro onde ela está). Vi, durante quatro horas a fio no cinema, essa portentosa atriz cinematográfica, a primeira de nosso cinema «auri-verde-periquito» e achei-a, demais nossa, para ser tão grande, tão humana e tão expressiva para estar no cinema brincando de representar bem. Outra coisa ela não faz: brincar de representar bem. Os outros do elenco brincam de representar. Por isso não são expontâneos como Cacilda. Uns até se apagam. Vejam as cenas em que ela está só. Plasticíssima! Poucas vêzes alguém expressou no cinema essa sêde de viver tão bem como La Becker, talvez, só uma Garbo, uma Katie Hepburn ou uma Bette Davies o tenham feito. Aqui em casa, isto é, no cine periquito, ninguém o fêz e só Cacilda poderá repetir êsse milagre. Beijo-lhe as mãos, Cacilda, dou-lhe flôres e agradeço-lhe as emoções que senti. «Floradas na Serra» é Cacilda. Depois dela vemos um grupo de artistas esforçados, que se não desmerecem ao filme, também, não se equivalem com Cacilda, nem mesmo o tão falado Jardel Filho, ator de certo renome. Partitura musical séria e convincente: Cotação: Muito bom.

«O ESTRANHO INQUILINO»
(Man in the Attic) — 20th. Century Fox

Levada pela terceira vez ao «écran», essa novela de Marie Belloc Lowndes tem como único ponto de apoio a correta interpretação do personagem Jack, o Extripador, através de uma performance de Jack Palance, sob todos os pontos de vista muito digna. Houve uma nova interpretação da linha do personagem, que no livro mata por vingança ao irmão e nessa versão mata as mulheres por um complexo nitidamente materno. Muitos fãs, ainda se lembrarão da outra versão, «Ódio que Mata», com Laird Cregar, Merle Oberon e George Sanders, dirigida por John Brahm, bem superior a esta que traz a assinatura de Hugo Fregonese, que apenas fêz um filme bem dirigido e com acentuada atmosfera vitoriana. Constance Smith, depois de Palance, é a melhor. Byron Palmes e os demais sem destacada atuação. No «suporting cast», encontramos os nomes de duas veteranas, Lilian Bond e Isabel Jwell. Boa fotografia de Leo Tover. Produção de Leonard Goldstein. Há um número musical com coreografia de Willeta Smith, bem feito e bem montado. Só. Cotação: Aceitável.

★

«A LÔBA»
(La Lupa) — Paramount.

Kerima, mulher misteriosamente atraente, dona de estranho olhar, domina de ponta a ponta êsse filme de Lattuada, inspirado numa obra discutida e famosa, assinada pelo siciliano Giovanni Verga. Em segundo plano, May Britt, mulher anjo, dá uma nota de pureza aos momentos eróticos que aquela outra mulher desperta. O filme está conduzido com habilidade e Lattuada apresenta bons tipos no grupo de operárias. Ettore Manni, sem a plasticidade dos demais atua discretamente, pois seu físico faz esquecer a sua inépcia como ator. Os demais, dentro de seus papéis. Kerima impressiona e marca com fortes traços a sua passagem pela tela. Tem personalidade astrodorizante, enigmática e envolvente. Tudo para se incorporar entre as grandes estrêlas européias, desde Brigite Helm até as mais famosas de hoje. Cotação: Bom.

★

«TORRENTES DE VINGANÇA»
(Thunder Over the Plains) — Warner.

Randolph Scott em mais um «western», que sem constituir alarde é visto com agrado, devido à direção de André de Toth, que quase construiu o filme em «close-ups», mas se esqueceu de dar mais emoção humana e imprimir um «climax». A novidade do filme constitui ver Lex Barker fazendo gente, isto é, um homem civilizado e não o Tarzan semi-selvagem. Phillis Kirk é a mocinha. Os outros discretos. Colorido Warnercolor. Cotação: Regular.

★

«NOITE DE NÚPCIAS»

(Une Nuit de Noces) — França Filmes.

Velho filmezinho de Martine Carol, feito no tempo em que ela pretendia ser a Martine de hoje, pois que aceitou filmar um «vaudeville» fraquinho com gente absolutamente desconhecida e se conformou que René Jayet assinasse esta baboseira, onde de raro em raro sorrimos contrafeitos, pois que isso já foi visto e revisto há bons anos, antes até do cinema falado...

ALBERTO SIMOENS BELLO

FILMES EM REVISTA

Mona Goya é dos poucos nomes conhecidos, Jean Paredès é inexpressivo e o resto em tipos comuns nesse gênero de filmes. Martine Carol é o ponto atrativo do filme, mas, nem mesmo ela, satisfaz. Cotação: fraco.

★

«UM LEAO ESTA NAS RUAS»
(A Lion Is In The Streets) — Warner.

Há políticos que são autênticos «gangsters», mas o caráter dêsse, retratado, na película dirigida por Raoul Walsh, é a de um político mas que na pele de James Cagney fica com ligeiros ares de «anjo de cara suja», se bem que o rapaz está controlado pelo realizador. Tem um esplêndido momento a película, aquela do julgamento que termina com a assistência cantando em côro o «Glory, Glory, Allelluiah». James Cagney é um ator de imensas possibilidades no uso da expressão, mas seus gestos são abruptos e um tanto reduzidos devido aos inúmeros «foras da lei» que já interpretou. As pequenas do filme são eficientes, Barbara Hale e Anne Francis, esta faltando-lhe um ar mais sofisticado. Frank McHugh, velho companheiro de Cagney comparece entre outros do elenco, tais como, Lon Chaney Jr., Onslow Stevens, John McIntire e Warner Anderson. Dizem ter paralelo com o tão falado «A Grande Ilusão», que quem assina esta crônica não viu por não se encontrar no Brasil. Não creio que ambos tenham sido passados nos cinemas de Buenos Aires, mas isto já é outra conversa, mas deviam passar. Cotação: **Bom.**

★

«LEVA-ME EM TEUS BRAÇOS
(Llevame en Tus Brazos) — Pelmex.

Ninon, regular bailarina que se esforça, é uma péssima atriz, exagerada, amaneirada e super afetada, mas dessa vez ela está ultra pior que em todos os seus outros filmes. Nada se salva. A fotografia (Figuerôa), a música (Caimmy-Diaz Conde) e a **direção de Bracho** eram credenciais para fazer algo aproveitável, mas dessa vez todos êles falharam. Foi uma grosseira impertinência exibir tal filme no passado Festival. Está na cabeça entre os piores filmes do ano. Imitação fraca e porca de «A Rêde». Pretensão grosseira. Nem os suburbanos fãs de Ninon «Jóias» Sevilla suportam a maroteira. Só uma figura se porta bem: Andrea Palma. O galã é o mesmo de «A Rêde», mas dessa vez êle se contagiou de ninonzite, e está péssimo. Rodolfo Acosta, irreconhecível, assim todos os outros, inclusive **Carlos Monctezuma. Cotação:** Inaceitável.

★

«O RIO DAS ALMAS PERDIDAS»
(River of no Return) — Fox

Dos últimos CinemaScopes este é o melhor, onde Marilyn Monroe está mais atriz e senhora de sua veia dramática. Tem bons momentos e passa uma quarta parte do filme em calças... «blue jeans» e, também, canta quatro belas canções («River of no Return», «Down in the Meadow», «One Silver Dollar» e «I'm Gonna File My Claim»), usadas com habilidade pelo cenarista. Marilyn canta com brejeirice, sensualidade e sentimento. Ela domina de ponta a ponta, fazendo de tal maneira realce de seus **dons interpretativos**, que Robert Mitchum e Rory Calhoun, **bem como** Tommy Rettig, ficam em **segundo plano**. Otto Preminger deu ritmo, embora um pouco lento, à história de Louis Lantz. Boa partitura de Lionel Newman em contrastes com as músicas de Ken Darby. O som dá uma nota empolgante aos momentos de emoção e está bem usado. Belíssimas as paisagens. Cotação: Bom.

«O MARUJO DE SUA MAJESTADE»
(Sailor of the King) — Fox

Filme anglo-americano realizado com tino e certo vigor, desempenhado com sobriedade, e com boas cenas marítimas, embora não chegue a ser nada de extraordinário, emociona e agrada. Temos o filme repousado sôbre os intérpretes masculinos e, assim, Wendy Hiller pouco comparece pelo filme afora. Jeffrey Hunter e Michael Rênnie e outros dividem as honrarias da justa direção de Roy Boulting. Uma história **tênue de amor inicada na** guerra de 14 e que tem seu desenlace na atualidade. Boa a fotografia. Cotação: Bom.

★

«A ESPADA DE DAMASCO»
(The Golden Blade) — Universal-International.

Patuscada arabiana dessa emprêsa, pródiga nessas farras pseudo-nababescas, talvez, pelo excesso de cenários que devem ter acumulados nos seus estúdios de Hollywood, portanto, na hora de fazer algo «novo» é só dar uns toques e **retoques, arranjar uma história mil vêzes filmada** e colocar gente nova e «girls» a valer e eis um filme como êsse «A Espada de Damasco» com Piper Laurie e Rock Hudson, que vivem aventuras peculiares do estilo, em tecnicolor e com desenvoltura super-californiana. Direção sem nada de original de Nathan Jurado. Cotação: Fraco.

★

«IRMAOS INIMIGOS»
(Gun Fury) — Columbia.

Apenas mais um «western» em 3-D e tecnicolor comum. História comum, direção comum e com bolas voadoras para cima do público. Rock Hudson despe-se da roupagem oriental do seu filme da Universal e comparece de «cowboy» nesse outro da Columbia, lançados na mesma semana, mas onde o rapaz tem a primazia de não convencer, nem num, nem noutro. A «mocinha» é Donna Reed, sem o aproveitamento. Idem, Philip Carey. Raoul Walsh nada podia fazer de melhor com tal argumento. Cotação: **Fraco.**

★

«TODOS OS IRMAOS ERAM VALENTES»
(All the Brothers Were Valiant) — M. G. M.

Um confuso enrêdo em tôrno da rivalidade de dois irmãos com cenas de pesca de baleia e lances dramáticos na história sentimental, tudo concorrendo para tornar o filme pesado, mas que Richard Thorpe anima com alguma habilidade e dá uma certa agilidade e o que podia ser monótono é disfarçado pelo colorido e por razoáveis desempenhos de Robert Taylor, Stewart Granger e Ann Blyth, que raramente fazem de seus papéis coisa melhor do que o que ficou feito dessa vez. Atuações de Keenan Wynn, James Whithmore e Betta St. John na pele de uma nativa dá prova de sua versatilidade, mas também sem outra «chance». Há, nesse filme, argumento para mais um ou dois filmes. O trio de primeiro plano tem seu público e por isso o filme agradará, isso porém não significa qualidade. Cotação: Aceitável.

★

«O HOMEM DA CAIXINHA»
(47 Morto Che Parla) — Luso Filmes

Totó é engraçado e tem bastante renome no mundo europeu, mas na nossa terra é mais ou menos desconhecido, mas quem assistiu a êsse filme de agora em diante irá se divertir com todo e qualquer filme em que êle esteja no elenco. O homem tem seu estilo e «sense of humour». Nesse usurário êle divertiu a platéia. Silvana Pampanini dá a nota de beleza. C. L. Bragaglia dirigiu com aproveitamento. Cotação: Aceitável.

GALERIA DE HONRA



SEU nome de barca e estrêla era Serena Desesperada...» Assim escreveu num poema, **(se não me falha a memória)**, a grande poetisa **Cecília** Meirelles. Altero a frase, ou o verso, e digo: Seu nome na barca do cinema nacional é Cacilda Becker. Nessa barca que atravessa um **mar encapelado** de maus filmes, de maus atôres e rodeado de traiçoeiras correntes de interêsses ocultos, Cacilda é como a estrêla guia, alfa e omega para os viajantes, para quem vem do oriente e para aquêle que caminha pelo ocidente. É uma estrêla de raro fulgor e estrêla solitária, pois tôdas as outras estão total ou parcialmente eclipsadas.

Vou contar uma história sôbre Cacilda. Conheci-a a alguns anos, menina, magrinha, tímida e pouco faladora. Foi nos tempos em que estive por S. Paulo, por Santos e outros lugares bandeirantes. Frequentávamos, ambos, as rodas de Miroel Silveira e outros jovens com ideais. Miroel falou de Cacilda. Miroel falava sempre em Cacilda. Cacilda havia de ser uma grande Cacilda. A vida cotidiana levou-me para longe. Andei por outras terras. Como muita gente não acredito no gênio auri-verde das criaturas de nossas plagas. Uma Dulcina é um milagre. Um César Lates, também. Um Monteiro Lobato ou um Machado de Assis, então, nem se fala. Nós temos o hábito dos superlativos e disso sabem, de nós no estrangeiro, e se divertem em dizer **que «el brasileiro es el más grande** del mundo, macanudo...» e, isso, senhores, torna-me descrente. Passei vários anos ausente e em dia senti o denominador comum dos ausentes: a saudade. Voltei e eis-me diante de um fenômeno **feminino**: a grande, a super, a formosa, a genial e inconfundível Cacilda Becker. Claro que duvidei! Passei a observar o que escreviam sôbre ela e fui criando um respeito, mas de longe. Veio o TBC e fiquei... com mêdo! Passei várias vêzes pela porta do teatro e fiquei admirando as fotos. Cacilda me torna fã. Sem a ver. Só por respeito. Fui assistir a «Floradas na Serra» sem esperanças, cansado e preocupado com o acúmulo de trabalho que tenho nesse fim de ano. Quando saí do cinema eu era totalmente cacildaberckeriano. Dos pés à cabeça, de coração e alma. A moça é isso: simplesmente genial! Quando me lembro daqueles velhos tempos de São Paulo, até penso que essa Cacilda é outra... Agora irei vê-la no palco e, assim, quebrarei o último «tabu» que me resta para ser dominado por Cacilda. Como tôdas as histórias essa tem de ter u'a moral e ei-la: é preciso acreditar na prata da casa. Nós, também, temos gênios. Aí esta Cacilda e sua arte. Cacilda e seu temperamento. Cacilda e sua intuição. Cacilda e sua voz. Enfim, essa Serena Desesperada do nosso céu estrelar: CACILDA BECKER. (A. S. B.)



Eu também mudei...
Hollywood é realmente melhor!

Cada vez mais pessoas estão mudando para

hollywood

uma tradição de bom gôsto



UM PRODUTO SOUZA CRUZ

H-88.286

Ribalta

Por
ALEXANDRE ALENCASTRE

GILDA, beleza plástica e sucesso da revista do sr. Válter Pinto, no Recreio.

EU QUERO ME BADALAR

Revista em dois atos e 29 quadros, original de VÁLTER PINTO e LUIZ IGLEZIAS. Música de: Vicente Paiva, Osvaldo Borba, Lazzoli e outros. — No Teatro Recreio.

O sr. Válter Pinto, desde que sucedeu a seu irmão na direção da emprêsa, revolucionou por completo o nosso teatro musicado, modernizando-o cada vez mais, de ano para ano. Encheu-o de lindas mulheres, usou e abusou do nu artístico, em corpos esculturais, escolhidos a dedo em vários países da Europa e América. Vestiu suas revistas com muito luxo e riqueza, com cenários maravilhosos, e grandes montagens, com maquinárias e carpintarias complicadas, modernas e audaciosas e apoteoses espetáculares e deslumbrantes. E para isto contratou os melhores cômicos, as maiores «vedetes» e os mais afamados artistas, e os mais eficientes técnicos e artífices, e assim as revistas, que antes, orçavam em milhares de cruzeiros, vieram para a casa dos milhões!... E cada ano o seu espetáculo, a sua revista, a sua realização, é sempre aguardada com interêsse extraordinário, pois marca sempre o ponto alto da temporada teatral. E assim sua estréia passou a ser um acontecimento na vida artística da cidade. Melhorando o nível de seu espetáculo, o sr. Válter Pinto melhorou o seu público, que não ficou mais limitado à classe média, burguezia e o povo em geral, pois o pessoal da zona sul, o milionário e o grã-fino, juntamente com o Municipal, passou a freqüentá-lo e a apreciá-lo, achando-o tão bom, ou mesmo igual, aos vistos nas grandes capitais européias e na Broadway, nas suas viagens de recreio pelo estrangeiro..

Em cada ano uma nova super-revista, e em cada nova revista uma grande surprêsa: a **«tomada de Monte Castelo»**, a **«Cascata»**, com água verdadeira, caindo aos borbotões, os **«Espelhos Gigantescos»**, tomando tôda a cena e dando estupendos efeitos cinematográficos, os **«Cenários em Perspectiva»**, dando maior relêvo e profundidade às cenas, **«Ivaná»**, a maravilha do 3º sexo, rivalizando com as grandes estrêlas, em plástica, graça e feminilidade. Os seus três últimos espetáculos foram de sucesso ascendente, culminando com «É Fogo na Jaca», que marcou a volta de Mesquitinha para a revista, em plena forma, revivendo os áureos tempos em que fazia dupla com o famoso Palitos, e que pelo luxo e riqueza de montagem ficou conhecida como a «Revista dos 5 milhões».

Chega a nova temporada e o compromisso de nova revista e a obrigação, ao sr. Válter Pinto de se superar em cada novo espetáculo, a fim de satisfazer plenamente ao seu querido público, sempre ávido de novidades e cada vez mais exigente, pois o público, uma eterna «criança-grande» nunca está satisfeito, quer sempre mais, e, mais coisas novas..., e para satisfazê-lo e subir na sua admiração, conceito e agrado, êle quebra a cabeça em busca de novas «atrações»... envia seus secretários aos Estados do sul, à Argentina, enquanto vai à Europa em busca de «algo» sensacional. E, lá demora-se mais do que deve porque não encontra nada «de nuevo», ou uma «great-atration», que valha a pena, e, assim, volta já quase no final do ano, desesperado, com um punhado de mulheres bonitas e de corpos esculturais apenas... e resolve transformar o seu espetáculo numa «feerie» em tecnicolor, numa orgia de luzes e côres, procurando superar essas deficiências com uma montagem caríssima e luxuosíssima e três novidades: a fumaça pesada, a água luminosa e uma piscina em pleno palco. Procurou melhorar o teatro Recreio, equipando-o com o que há de mais confortável e mais moderno: ar condicionado perfeito, poltronas estofadas, chão de mármore em todo o hall, iluminação indireta perfeita, e enriqueceu sua grande orquestra com um órgão «Hammond Gran Concert», um «Campanário Elétrico» e corpo coral autêntico. Os figurinos mais originais e audaciosos, desenhados por Joselito, foram executados parte em «ateliers» de Paris e os demais nas suas próprias oficinas, agora sob a direção e gôsto «rafinée» de Osvaldo Mota, o mago da tesoura e do bordado. Trouxe de Londres o coreógrafo e 1º bailarino Rex Reid, contratou a atriz cantora Salomé Parisio, recém-chegada de Portugal, onde alcançara grande sucesso, e com tudo isso fêz «Eu Quero me Badalar», super-revista em 2 atos e 29 quadros, que se desenrolam, como num caleidoscópio maravilhoso, prendendo e deslumbrando o seu público, em todos os seus momentos, com seus quadros cômicos, e as mais deslumbrantes montagens e que vem fechar com chave de ouro a temporada teatral dêsse ano e é como um régio «presente de festas» — um «papai Noel delicioso» feito ao querido público carioca.

Esta revista não é nem superior e nem inferior às anteriores, é diferente, e nisso está o maior valor do sr. Válter Pinto, como grande produtor teatral, pois cada vez êle procura fazer uma coisa completamente nova, diferente e isto é **que é difícil**... pois com a prática, bom gôsto e dinheiro, que possui, lhe seria facílimo fazer uma revista igual a do ano pasado.

Feitas essa primeiras apreciações, passo a analisar o espetáculo pròpriamente dito.

O prólogo: «Em Busca de um Ritmo» é bem idealizado e realizado com muito gôsto e luxo, mas é um pouco longo e de ritmo irregular, quando devia ir num crescendo até o final. Diana Morel empresta a sua linda figurinha a Euterpe, e, Paulo Celestino não ficou bem no seu traje de músico, embora rigoroso quanto à época. O quadro dos «sinos» teria se valorizado e se destacado muito mais com um cenário especial completo, montado de acôrdo com o motivo. Destaca-se o quadro «Ritmo Bárbaro» de grande efeito coreográfico, onde um grupo numeroso de africanos, com penachos coloridos e indumentária típica e característica, dança a música sensual e selvagem da sua região, tendo à frente os primeiros bailarinos Maria Teresa, Lito e José, num colorido berrante, muito vivo e harmonioso e depois em luz fosforescente de belíssimo resultado. O quadro «Como Nasceu o Samba», animado pela linda plástica e bela voz da sra. Salomé Parisio, seria de maior agrado se ela desse mais cadência, mais expressão e maior colorido, como requer a nossa música popular. E, destaca-se muito mais, logo a seguir, no quadro à fantasia: «Entre dois Ritmos», em que canta e contracena com o corpo de baile, vestido com belíssima fantasia de grande gôsto e luxo, de marcante combinação em prêto e branco, de realce extraordinário. O quadro cômico: «Adubo Rítmico» numa estupenda interpretação de Manoel Vieira e Paulo Celestino, agrada sobremodo pelo seu desfecho inesperado, verdadeira «trovaille». A «Lenda do Abaeté», dividida em cinco quadros e com que finaliza o primeiro ato, é muito interessante como idéia, mas foi mal realizada, faltando um cunho de espetacular e de grandioso para realçar e dar outra vida a lagoa, construída em pleno palco, numa piscina com 5 mil litros de água, e de onde emergem ou mergulham as «girls» e artistas, simbolizando os gênios das águas. E nos diversos quadros os cenários deviam ser mais completos, mais realizados e não se limitar apenas ao talão de fundo, e além do mais ainda do gênero antiquado, exceptuando-se apenas um com cavalos brancos surrealistas. No quadro: «O Presente de Iemanjá» se o cenário fôsse pintado com as mesmas tonalidades verdes da magnífica e deslumbrante fantasia de Salomé Parisio, o efeito seria muito outro e de maior agrado aos olhos. O desfile das fantasias das «girls», modelos e artistas, cada qual mais luxuosa, mais rica, mais estonteante de graça, beleza e idéia, terminando numa apotecse espetacular, com fumaça pesada, fontes luminosas e fosforescentes, e tendo como fundo um corpo coral estupendo, realçando e dando-lhe um maior cunho de grandiosidade, é um espetáculo que, mesmo no estrangeiro, raras vêzes se tem visto, assim com tanto luxo e tanta riqueza. Parabéns sr. Válter Pinto. No quadro: «Os Gênios das Aguas», nota-se perfeitamente que o «Gênio», quando vem do fundo da lagoa, trazendo nos braços a moça, sobe uma escada, o mesmo acontecendo com as outras três «girls», em bikini, e isso tira todo o efeito deslumbrante da realização, pois o certo, embora muito mais difícil, exigindo talvez uma maquinária mais complicada, seria que êsses gênios, por meio do elevador do palco surgissem, viessem emergindo naturalmente das águas, como de uma maneira sobrenatural, própria dos «duen-

(Cont. na pág. 42)



MESQUITINHA: O suporte cômico da revista «Eu quero me badalar». Consegue bom êxito.



ZEZÉ MACÊDO: Do Rádio para o palco. Vive papéis caricatos. E não desagrada ninguém.

GRANDE HOTEL PRATA



Entre as riquíssimas fontes hidrominerais de que é fértil o Brasil, as AGUAS DA PRATA são de resultados surpreendentes nas moléstias do estômago, dos intestinos, bexiga, rins, fígado e aparelho biliar e de poderoso auxílio no tratamento da gôta.

Estância de maravilhosa beleza agreste e pitoresca, situada a 818 metros acima do nível do mar, de clima ameno em tôdas as estações do ano, AGUAS DO PRATA oferece aos seus aqüistas recantos e passeios encantadores, tais como os de "Piscina do Boi", "Cascatinha dos Amôres", "Fonte Antiga", "Fazenda das Carpas", "Fazenda Retiro", "Fonte do Paiol", **"Fonte Vilela"**, "Pedra Balão" e muitas outras de riqueza paisagística sem igual. A natureza juntou a mão do homem outros atrativos e comodidades, capazes de satisfazer o mais exigente aqüista. Fonte Vilela — poderosa água radioativa com 89 matchs de radioatividade, para a cura das moléstias dos rins.



O mais bem montado da Estância, com 55 apartamentos e 55 quartos confortàvelmente mobiliados e telefone em todos os aposentos, está situado a dois passos das principais fontes de água mineral e responde a todos os requisitos modernos. Para divertimento e comodidade de seus hóspedes dispõe de Salão para crianças, para chá e jogos; ótimo salão de Estar e para Festas; Cinema modernamente instalado; Bilhar e Snooker; Barbearia e Manicure.



COZINHA DE 1ª ORDEM e REGIMENS DIETÉTICOS



RESERVA DE APOSENTOS

Pelas Emprêsas de Turismo ou diretamente para o GRANDE HOTEL PRATA, Aguas da Prata, Estado de São Paulo por carta, telegráma ou pelos telefones 20, 4 e 29. Águas da Prata é servida pelas magníficas emprêsas de ônibus EXPRESSO BRASILEIRO VIAÇÃO LTDA. e VIAÇÃO COMETA S. A.

DESCONTO ESPECIAL DURANTE OS MESES DE MAIO A DEZEMBRO



EXCELENTE BAR



AMPLA VARANDA



SALÃO DE REFEIÇÕES

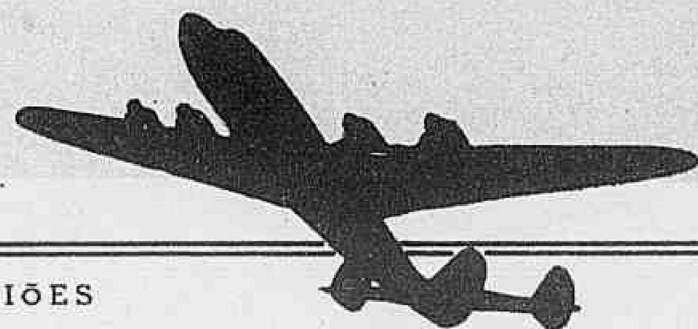




ÁGUAS DA PRATA

(ESTADO DE SÃO PAULO)

"A VICHY BRASILEIRA"



AVIÕES

★ Rio de Janeiro para Poços de Caldas — via São Paulo

★ Rio de Janeiro para Poços de Caldas via B. Horizonte

(do aeroporto a Águas da Prata em 30 minutos de automóvel)

Rádio

MILTON SALES

O QUE DIZEM...

QUE Vítor Costa, depois que assumir o cargo de superintendente das Associadas, vai acabar com a rêde Tupi-Tamoio.

QUE a Rádio Nacional não mais terá estação de televisão, já que o Tribunal de Contas não quis registrar o contrato respectivo.

QUE o canal de TV que seria da Nacional passará para a Rádio Globo.

QUE Oduvaldo Cozzi, Edmar Machado, Jorge de Souza e Carlos Pallut trocarão a Continental pela Tamoio.

QUE Valdir Amaral será, possivelmente, o substituto de Edmar Machado na Continental.

QUE Oscarito não se mostra disposto a assinar contrato com a Rádio Mundial.

QUE Duarte de Morais será um dos assistentes de Vítor Costa nas Associadas.

QUE a concessão da estabilidade a alguns artistas da Rádio Nacional foi um golpe muito bem dado para retê-los na PRE-8.

QUE a Rádio Nacional de São Paulo só usará êsse nome até março do ano que vem, quando terminará o contrato de intercâmbio com a sua homônima do Rio.

QUE houve feio bate-bôca entre Carlos Pallut e Raul Brunini, com ameaças recíprocas de desfôrço pessoal.

QUE Linda Batista vai fazer uma grande excursão pela costa do Pacífico, no ano que vem.

MARLENE FÊZ BONITO! — Superando tôdas as expectativas, a nossa Marlene fêz grande sucesso em Buenos Aires, vivendo o principal papel feminino da película portenha, «Adeus, Problemas». Neste filme, a grande estrêla da Nacional canta, dança e interpreta um papel pleno de comicidade, brilhando intensamente ao lado do veterano Enrique Muiño, um dos mais categorizados atores da cinematografia argentina. «Adeus, Problemas» deverá ser exibido nesta capital nos meados do ano vindouro. Na foto, Marlene aparece ao lado de Manoel Barcelos, no auditório da Rádio Nacional, quando era homenageada pelos seus fãs.



ENTREVISTA DE BÔLSO



JOSÉ VIANA

DE ONDE VEIO VOCÊ?

— Uberaba, Minas Gerais. Sou uberabense honorário, muito embora, acidentalmente, haja nascido em São Paulo.

QUE É QUE VOCÊ FAZ?

— Sou assistente da Direção de Broadcasting, chefe da Secretaria Geral de Broadcasting, redator, locutor, animador, rádio-ator e... nas horas vagas ouço a Tupi-Tamoio!

QUE É QUE VOCÊ GOSTARIA DE FAZER?

— Será que depois de tudo isso ainda haveria tempo para pensar em fazer alguma coisa? Pois, sim...

COMO É QUE VOCÊ GOSTARIA DE MORRER?

— Dormindo. Pelo menos, quando acordasse, saberia que havia «morrido»...

SE O RADIO ACABASSE, DE QUE VIVERIA?

— Do que ganhasse como pilôto de disco-voador. Está na moda...

FINALMENTE, QUEM É VOCÊ?

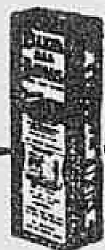
— José Viana, às suas ordens. Disponha!

ÊSTE AQUI TRABALHA — Além de fazer a divulgação das coisas da taba com o cronista, Nelson Batinga (que aí aparece na sua mais recente pose) é rádio-ator, trabalha na TV-Tupi-Tamoio e ainda escreve os seguintes programas: «O mundo em dó-ré-mi», «Show de Araci Costa», «Musical G-3» e «Astros da taba». Como se isso não bastasse, ainda escreverá o programa de Luís Vieira nas Associadas!





Não sou egoista Desejo que tôdas sejam felizes. como eu Por isto. ensino-lhes o segrêdo de minha felicidade: tomo logo que me sinto mal 2 a 3 colheres do Elixir das Damas — fórmula que dá saúde. fazendo mulheres felizes e belas.



ELIXIR DAS DAMAS

Indicado nas dismenorréas

SURDOS AURICULARES INVISÍVEIS «WEIMER» do dr. Reichmann. Sem fios, sem pilhas. Restitui a normal audição. Eliminação dos zumbidos. Última maravilha alemã. Preço de propaganda: Cr$ 700,00 o par. Peçam prosp. grátis à Elza Junqueira Sabbado — Av. Copacabana, 75 — Apto. 204 — Tel. 57-2452 — Rio.

CALVÍCIE PRECOCE
Como evita-la!
JUVENTUDE ALEXANDRE
Juventude Alexandre — Beleza e Vigor dos Cabelos
Super eficaz contra QUÉDA DOS CABELOS

A PAMPANINI...

(Cont. da pág. 34)

liana (Constelazione Filme) havia convidado Silvana para filmar no Amazonas com John Wayne, porém o projeto até aquêle momento não havia passado de projeto. Pampanini teria voado logo para conhecer o Brasil e seus fãs brasileiros, pois seus produtores não lhe têm negado informações sôbre o sucesso de seus filmes nessa terra tão querida pelos astros de cinema.

Falando ainda um pouco de Pampanini na intimidade, eu gostaria de contar a vocês como a artista recebeu aquela absurda ameaça de morte que não se sabe até hoje se partida de um fã exaltado ou de um maníaco assassino. Certo é que Silvana leu a nota ameaçadora e têve durante semanas a impressão de que alguma coisa fatal a atingiria sem que ela pudesse fazer nada para evitar o desastre. Pois bem. Silvana Pampanini antes de preocupar-se com a sua pessoa física que naquele momento sofria a ameaça velada do fanático, telefonou para seu administrador e ordenou que êle fizesse vários seguros de vida em companhias diversas para as pessoas de sua família. Como se julga responsável pelos seus, Silvana quis providenciar logo que nada lhe pudesse acontecer de mais grave, se o fanático alcançasse seus sinistros objetivos.

Sôbre seus hábitos particulares posso informar a vocês que Silvana gosta imensamente do mar e para estar perto dêle, leva a família e as amigas mais íntimas para fins-de-semana em balneários afastados, os mais discretos possíveis. Não digo que ela não goste de ser reconhecida e se veja obrigada a assinar muitos autógrafos (isso faz parte da vida de uma «estrêla» famosa), mas que prefere passear tranqüilamente e não ouvir o clássico (Olhe, é a Silvana!), isso eu garanto. A Pampanini não tem vícios. Não fuma, não joga e não bebe. Quando escrevo tais coisas lembro-me da maliciosa pergunta de um colega que por sôbre meu ombro «pescava» o que saía de meus dedos no papel que a máquina ia maculando com suas teclas: «Guido, ela não ama também?». Êsse é um assunto que não posso no momento discutir com êxito. Silvana tem falado muito em trabalho e sòmente trabalho. Despiu-se de interêsses sentimentais, porém não creio que viva tanto tempo sem alimentá-los. Mas, se êle prefere conservá-los em segrêdo, é um direito que lhe assiste e não seria eu, seu íntimo amigo e quase confidente, que iria revelá-los a vocês. Transmito-lhes, pois, as minhas dúvidas a respeito. Certo de que um dia elas se dissiparão e tudo nos parecerá (a vocês, e a mim também) tão claro que seja possível ouvir ao longe os sons maravilhosos da marcha nupcial que marcará na vida de Silvana Pampanini o começo de outra carreira. A carreira que será definitiva, porque deve ser (eu não sei muito bem, porém calculo) a carreira que ela pensa em viver com tôda a intensidade de seu temperamento de mulher a quem Deus concedeu graça e encantos raros e o Destino colocou em posição de ser muito amada, admirada e invejada.

EU QUERO...

(Cont. da pág. 39)

des». E, mesmo êsse quadro, ganharia e teria outro realce, se em vez de apenas três «girls» de bikini e seios nus, surgissem de dentro da lagoa, umas dez, vinte ou mais e efetuassem um bailado espetacular, em que entrasse as fontes luminosas fosforescentes, e, mesmo a água da lagoa se tornasse fosforescente na ocasião. O efeito seria maravilhoso e surpreendente. Achei o quadro: «Procissão dos Cirios» de uma falta de gôsto e de uma impropriedade demasiada, pois não se concebe que num quadro regional, tìpicamente brasileiro, de motivo brasileiro, haja uma procissão de círios, à maneira medieval e com damas, vestidas à moda daquela época, e que desfilam de maneira fúnebre, acompanhadas por música e côro, em canto-chão... Na abertura do segundo ato o quadro: «Eu Quero me Badalar» agrada em cheio, muito vivo e movimentado e muito bem defendido por Wilma Rizzo que canta e dança a canção-título com muita graça, esplendidamente bem acompanhada pelo corpo de «girls» e bailarinas, tôdas muito bem vestidas, numa fantasia típica e expressiva. Há um quadro muito interessante e original «Sinfonia do Morro», de admirável composição, tudo em branco, cenário, e guarda-roupa, e de grande efeito pela sua esplêndida estruturação dramática e plástica, faltando apenas mais «mis-en-scene» no final, quando a bailarina, dança semi-morta nos braços do amante, pois não se sente o «suspense» em tôda a sua dramaticidade. E os três últimos quadros: «Coquitel de Ritmos», «Ritmo do Progresso» e «Noites Brasileiras», são um desfile de lindas fantasias, em côres vistosas e muito bem combinadas deslumbrando e encantando a platéia, que se sente satisfeita com um espetáculo de gôsto tão refinado e de tanta arte, luxo e riqueza. No início do quadro «O Morro», Diana Morel, numa linda fantasia de baiana, diz com muita graça e expressão um esplêndido monólogo alusivo à cena.

Não houve o mesmo equilíbrio entre o arrojo, beleza e luxo da montagem e o elenco, pois faltou a êste alguns elementos de maior envergadura artística para os postos chave, como uma grande «vedete» e uma «caricata», a sra. Salomé Parisio, embora tenha melhorado bastante o seu desembaraço, ainda não tem vibração suficiente para transmitir ritmo, calor e mesmo alma à nossa música popular, e, nem alegria esfusiante e comunicativa, que estabelessa um contato mais direto com a platéia, tão do agrado do público freqüentador do teatro de revista. A sua bela voz lírica e a sua plástica se prestam mais para quadros de fantasia. E a sra. Zezé Macedo a «Dona Funfunácia» da rádio, não convenceu como caricata, tendo apenas um físico para tal, pois a sua voz é estridente e irritante, e, não sabe dizer com graça e espírito o texto, não tirando partido nenhum das situações cômicas em que atuou com Pedro Dias. A sua melhor interpretação foi no prólogo, quando vem de «Eco» segundando o «Badalo» (Pedro Dias). O sr. Mesquitinha foi o dono absoluto do espetáculo, dominando-o completamente na parte cômica. Os seus números foram todos excelentes quanto ao texto (que esplêndidos versos do sr. Luiz Iglezias...) e mais ainda quanto à sua interpretação magistral e perfeita. A sua mímica é deliciosa na «Pistola», e gosadíssima no candidato à vereador, no quadro «Chôro em Dó Maior». Como seba dizer bem e com sentida expressão o belo monólogo: «Fora do Ritmo». E com que malícia e graça e como sabe tirar partido, e, como valoriza a cena de rua, «O Ritmo Das Letras»!.. Parabéns. O sr. Paulo Celestino, cada vez mais acentua e aperfeiçoa o seu talento cômico, e fêz uma ótima rabula no japonês Takino Papo, do quadro cômico: «Adubo Ritmico», e teve uma interpretação brilhante e engraçadíssima no «Ajudante» do dr. Figueira no quadro de crítica: «Progressão Eletrônica». Os srs. Manoel Vieira e Pedro Dias, pode se dizer que fazem parte permanente do elenco da Cia. Válter Pinto, e tiveram a seu cargo a parte cômica mais pesada, as cortinas de sal grosso, a fim de contentar um pouco o «pessoal das galerias e torrinhas»... destacando-se uma cena de rua: «Forçando o Ritmo», em que não só o texto e o sentido da cena, mas principalmente a mímica exagerada é bastante pornográfica, mas, enfim... é uma «Revista de Badalagem...» conforme dizem os seus anúncios.

Do naipe feminino quem se destaca é a sra. Natara Ney, que fêz bem em emagrecer um pouco, pois com isto melhorou de muito a sua plástica. E está muito bem, movimentando-se com muito desembaraço e graça e dizendo e inflecionando òtimamente. Está muito natural e humana na «viúva» no quadro «Procreação Eletrônica», e perfeita na baiana «Mãe Maria», no quadro: «Na Terra Das Lendas». O coreógrafo e primeiro bailarino sr. Rex Reid, não correspondeu a fama de que veio precedido, pois as suas marcações não são modernas e faltam mais ritmo e agilidade nas evoluções e composições. As cenas, sempre cheias de mulheres lindas, sempre em atitudes estáticas ou apenas se movimentando lentamente, não têm calor e entusiasmo e vibração, o que não aconteceria se êle soubesse movimentar e agitar com graça, beleza e coordenação êsse lindo batalhão de mulheres esculturais e luxuosamente despidas.

Finalizando dou um voto de louvor também à maravilhosa iluminação das cenas, o que aliás sempre foi uma das especialidades do sr. Válter Pinto. A grande orquestra sob a batuta do sr. Vicente Paiva estêve excelente, porém achei que a música devia ter um sabor mais nosso, mais brasileiro, de acôrdo com o texto e espírito da revista, tôda inspirada em motivos regionais nossos. «Eu Quero Me Badalar» é mais uma produção que não desmerece a «marca da fábrica» e que pode emparelhar com qualquer dos grandes espetáculos musicados das grandes capitais européias, e, que nos envaidece pois vem patentear mais uma vez o nosso elevado grau de cultura e desenvolvimento artístico, e, que, como das vêzes anteriores está fadada a uma demorada permanência no cartaz, alcançando grande e merecido sucesso. (A. A.)

CLAIRE BLOOM...

(Cont. da pág. 6)

gressando a Londres em 1952, foi convidada pelo Old Vic, um dos teatros mais tradicionais do mundo, para interpretar o papel-título feminino de «Romeu e Julieta», uma **performance** aclamada como um dos pontos altos da temporada teatral daquele ano. Em 1953, procurou-a o diretor Carol Reed, para co-estrelar, com James Mason e Hildegarde Neff, o seu filme mais recente: «O Outro Homem», da London Films, que o público brasileiro verá dentro de pouco tempo. Trata-se de um filme de muito **suspense**, desenrolado numa Berlim dividida e aterrorizada. A crítica estrangeira recebeu com grandes elogios esta película do realizador de «O Terceiro Homem». E, como se tudo isto não bastasse, Claire Bloon está presentemente filmando «Ricardo III», baseado na peça de Shakespeare, em que tem o principal papel feminino ao lado de Sir Laurence Olivier, que também dirigiu esta produção em Technicolor e Vista-Vision da London Films. Claire Bloom teve sorte, sim, mas ela a mereceu.

DISCOS

RAMALHO NETO

COISAS...

ABCD

OS cronistas fonográficos do Rio de Janeiro reunir-se-ão para reorganizarem a ABDC (Associação Brasileira de Cronistas de Discos), entidade que pretende agora ter existência legal. A classe dos cronistas fonográficos já comporta uma associação que venha promover a união de todos que militam nesse setor, bem como a preservação dos interêsses e direitos dêsse grupo.

ATITUDE ESTRANHA

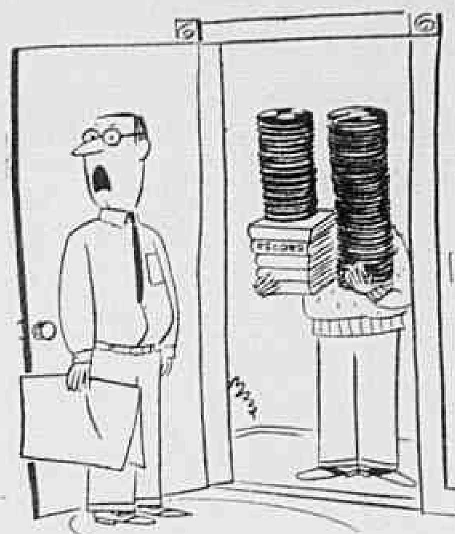
A Sinter tomou uma atitude das mais estranhas para com a crônica especializada, o que trouxe grande descontentamento por parte dos cronistas que se julgam, com razão, ofendidos e desprestigiados. Não acreditamos que a Sinter continue a manter essa atitude, sabedora como é, da grande fôrça de divulgação que sempre representou a imprensa no disco. Aí está um «servicinho» para a ABCD.

FALTA DE INTERESSE, TEMPO OU DESLEIXO

É sabido a fôrça que o cinema exerce no lançamento e divulgação de músicas que venham incluídas em filmes. As fábricas de discos, sabedoras disso, deveriam se interesar mais em estar ao par do lançamento de filmes e suas músicas, providenciando para que as matrizes dessas melodias fôssem recebidas do exterior com alguma antecedência ou então gravá-las aqui mesmo no país. Gentilmente, algumas companhias, entre elas a Paramount e Columbia, proporcionam graciosamente às companhias gravadoras, todos os meios de ficarem ao par dos próximos filmes a serem exibidos no país, oferecendo sessões especiais em suas cabines para os representantes das gravadoras. A Columbia Pictures há pouco tempo convidou interessados das fábricas de discos para uma audição especial das músicas que fazem parte do filme de Marlon Brando, «On the Waterfront», película de grande sucesso em todo o mundo. A audição foi ouvida pelo próprio pessoal da Columbia Pictures, pois lá nenhum representante de fábricas de discos compareceu. Dos 8 a 10 convites distribuídos semanalmente pela Paramount, pouco mais de 2 ou 3 são atendidos. Isto vem demonstrar o quê? alta de interêsse, tempo ou desleixo das companhias gravadoras. É preciso que as gravadoras compreendam que o interêsse das emprêsas cinematográficas no lançamento das músicas, é muito relativo. Mas, para uma fábrica de discos, não. Algumas centenas ou milhares de discos vendidos, exclusivamente pela razão da música ter sido apresentada em um filme, representam muito. Para que outras companhias como a RKO, Warner, Universal, Fox, Metro, etc. venham seguir o exemplo da Paramount e Columbia, é preciso que vejam interêsse por parte dos diretores das fábricas de discos. Enquanto isso, pedimos à Paramount e Columbia que não desistam da idéia (magnífica) que tiveram.



CLAUDETE SOARES — Gente nova que vai brilhar no disco, exclusiva da Columbia.



«Glória! O Haroldo está aqui para ajudá-la nos exames».



EARTHA KITT atual sensação vocal nos «states». Seu último disco (de sucesso) inclui «Señor» (Kalú) e «The Bandit» (Mulher Rendeira)

TÓPICOS

NAS LIVRARIAS do Rio de Janeiro o livro «Call me Lucky» uma interessante auto-biografia de Bing Crosby ★ CONTRATADAS pela Copacabana as cantoras Heleninha Costa e Diamantina Gomes ★ A RCA VICTOR lançará entre nós as gravações de Marilyn Monroe ★ APRESENTADA a nova marca «Pastoral», especializada em hinos e músicas sacras ★ ANUNCIADA pela Sinter a assinatura de contratos com os Trigêmeos Vocalistas e a cantora Mariza ★ ENQUANTO isso, a mesma Sinter vende a sua parte na sociedade que possuía no estúdio de gravação com a Copacabana ★ ESTREOU com grande sucesso como «disc-jockey» o fabuloso Frank Sinatra ★ CASOU-SE o maestro e arranjador Pete Rugolo com a irmã de Rosemary Clooney, Betty ★ CAUBY PEIXOTO embarcará para os States aonde filmará na Universal uma cena de «So This in Rio».

BELDADES DO DISCO Nº 11



DORIS DAY, a mais popular entre as cantoras de música popular norte-americana é quem dá seqüência a êste desfile das beldades do disco. Raras são as fotos de Doris à vontade, como esta ao lado.

COMO SE FAZ UMA "ESTRÊLA"

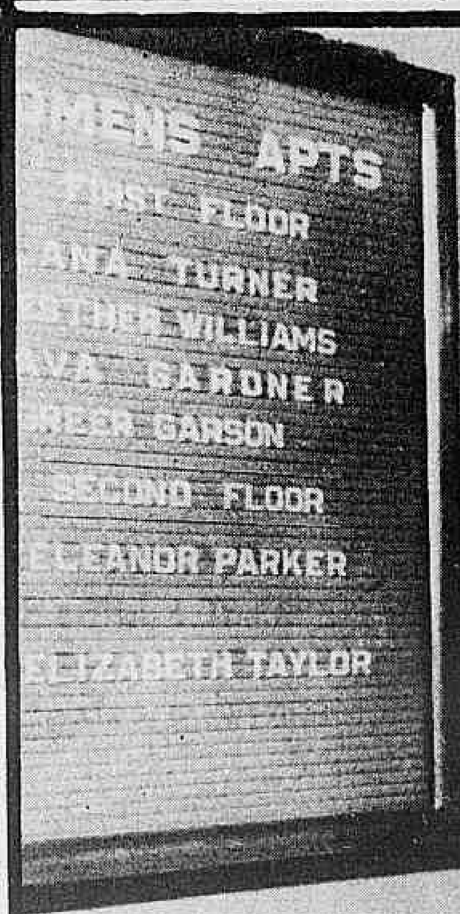
REVELANDO AOS SEUS LEITORES O MUNDO MARAVILHOSO DE HOLLYWOOD, "A CENA" ACOMPANHA TÔDAS AS FASES DO DIA DE UMA JOVEM CANDIDATA AO ESTRELATO CINEMATOGRAFICO !

SÃO tão raras as oportunidades que o «fã» de cinema tem para penetrar nos mistérios de sua arte favorita, que daí resulta uma curiosidade mais intensa à medida que o tempo corre. O mundo maravilhoso dos estúdios em Hollywood vive permanentemente fechado aos olhos do público e a êle chega tão sòmente a publicidade prévia dos filmes e dos artistas, porém nunca, aquilo que a indústria considera «segrêdo profissional». A CENA conseguiu penetrar em Culver City (estúdio da Metro) e acompanhar todos os passos de uma jovem estrelinha, Taina Elg. Esta reportagem revela «como se faz uma «estrêla» em Hollywood. Se o método empregado aqui não estiver completo, é porque alguns segredos são mesmo «guardados a sete chaves»...











● A moça de lenço na cabeça veiu da Finlândia, chama-se Taina Elg, pertenceu ao Ballet do Marquês de Cuevas, já dançou no Municipal do Rio. Foi descoberta em Londres.

● A primeira pessoa com quem Taina faz camaradagem nos estúdios da Metro é o sizudo porteiro que vai logo perguntando «quem ela é» e «o que faz», correndo a lista em busca de seu nome.

● Taina vai se familiarizando com a vida de artista através dos magazines que falam das «estrêlas» de Hollywood.

● Ainda é cêdo, porém Taina Elg espera algum dia ver seu nome neste mesmo quadro que indica as mais famosas artistas da Metro.

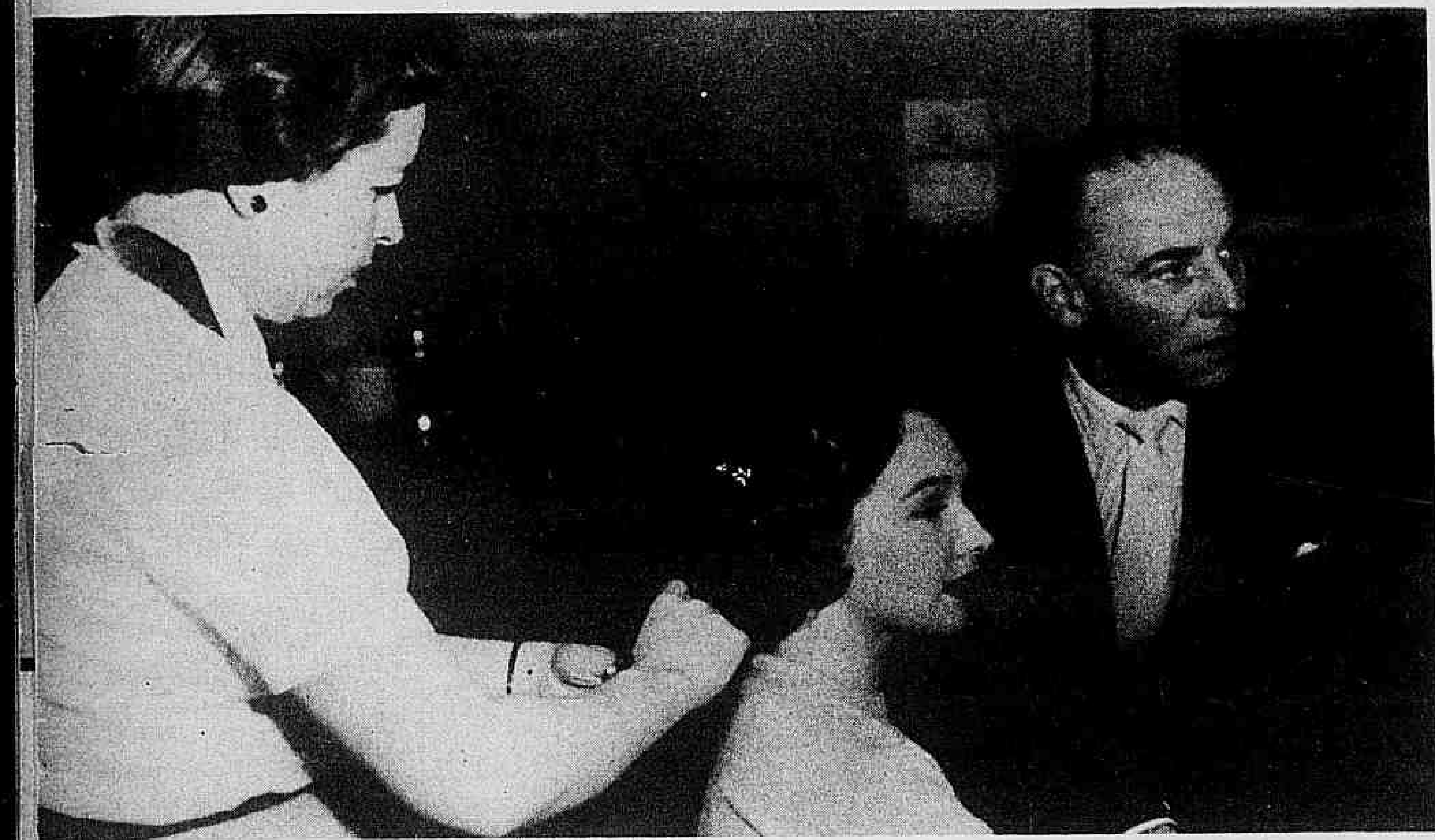






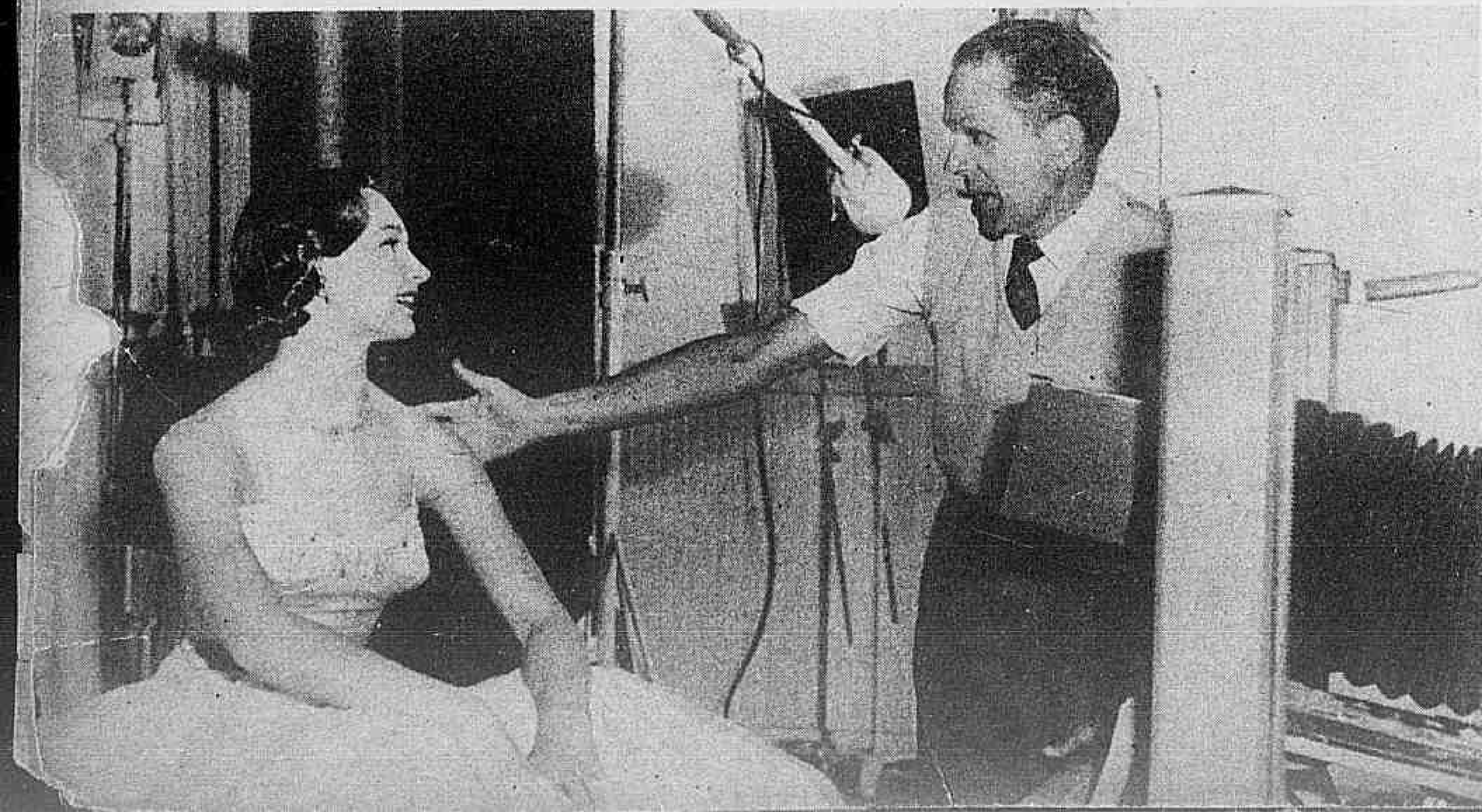


Taina Elg vai tomando contacto com os diversos departamentos da Metro. Ei-la com o encarregado da correspondencia aas «estrêlas». Algum dia as cartas também «choverão» para ela! Um «drink» com Cyd Charisse. No Departamento de Maquilagem. Na cabeleireira do estúdio. Posando para fotos de publicidade.





Taina Elg é uma jovem inteligente. Procura fazer amizade com pessoas que podem ajudá-la em Hollywood. Ei-la conversando, sôbre elegância, com a modista Helen Rose. Seu primeiro amigo em Hollywood: Walter Pidgeon.





LORI NELSON, A ENCANTADORA



Não foi sem esfôrco que Lori Nelson conseguiu destacar-se entre as «estrelinhas» novas da Universal. Comecando como tôdas elas, na escola dos estudios, Lori com verdadeira vocação artistica, procurou aperfeiçoar seus conhecimentos e ganhar a confiança dos diretores. Ainda bem nova, a encantadora Lori já se pode considerar uma atriz de futuro garantido.

RORY, O BONITÃO



Rory chama-se na vida real Francis Mc Cown. E' casado (e muito feliz) desde 1948 com a artista Lita Baron. No Brasil, Rory Calhoun tem muitas fãs apaixonadas que não perdem um filme seu e «torcem» pela sua completa vitória como «astro» na tela!

TAL como Alan Ladd, também Rory Calhoun entrou para o cinema pelas mãos de Sue Carol, porém antes de alcançar a glória como astro da tela, desempenhou trabalhos difíceis para ganhar a vida. Foi soldado do fogo e como tal enfrentava as chamas com bravura. Um dia deixou aquela ocupação para negociar em madeira, e depois disso ainda foi mineiro, trabalhando sempre com os olhos voltados para o futuro. Começou a ser notado como ator em "O segrêdo da Casa Vermelha" e trabalhou em "Meu Coração Canta". Seu porte de "galã", seus olhos que as "fãs" adoram e sua simpatia pessoal, elevaram-no ao estrelato cinematográfico. Rory, provando seu imenso cartaz, foi escolhido para "galã" de Marilyn Monroe em "River of no Return", da Fox. Em Hollywood conhecem-no como o bonitão.